

TELMA MOREIRA VIANNA MAGALHÃES

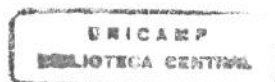
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

APRENDENDO O SUJEITO NULO NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Mary Aizawa Kato

**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNICAMP
2000**



UNIDADE	Be
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	M 27a
V.	Ex.
TOMBO BC/	44822
PROC.	16-392101
C	☐
D	☒
PREC.º	R\$ 11,00
DATA	21/06/01
N.º CPD	

CM00156315-5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M27a

Magalhães, Telma Moreira Vianna

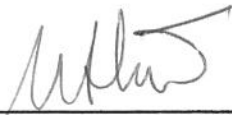
Aprendendo o sujeito nulo na escola / Telma Moreira Vianna
Magalhães. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.

Orientador: Mary Aizawa Kato

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Brasil. 2. Língua portuguesa - Sujeito. 3.
Aquisição da linguagem. 4. Aquisição da linguagem - Escrita. 5.
Mudanças lingüísticas. I. Kato, Mary Aizawa. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Mary A. Kato (IEL/UNICAMP)
Orientadora

Prof. Dra. Charlotte C. Galves (IEL/UNICAMP)

Prof. Dra. Maria Luíza Braga (UFRJ)

Prof. Dra. Helena Britto (IEL/UNICAMP)
Suplente

Este exemplar é a cópia final da tese
defendida por Telma Moreira Vianna
Magalhães
e aprovada pela Comissão Examinadora em
26/04/2001.



Para a minha amada filha
que me mostrou o quanto uma
criança pode ser GENTE
GRANDE.

Agradecimentos

Foram muitas as pessoas que cruzaram o meu caminho durante a realização deste trabalho. A elas devo a certeza estar rodeada de pessoas especiais, o que tornou o meu caminho mais prazeroso, por isso não pouparei linhas para demonstrar o meus sinceros agradecimentos.

A minha orientadora, Dra. Mary Aizawa Kato, pelo incentivo, amizade, paciência, por ter despertado em mim o gosto pela Lingüística e ter me feito acreditar que basta querer para poder.

A Profa. e colaboradora, Dra. Maria Luíza Braga, pela disposição, pelo interesse que sempre demonstrou pelo meu trabalho, pelos comentários importantíssimos na qualificação, e também por ter me guiado nos caminhos do VARBRUL.

A professora Dra. Charlotte Galves por estar sempre disposta a responder minhas intermináveis perguntas sobre PB e pelos comentários importantíssimos na qualificação.

Ao professor Dr. Jairo Moraes Nunes pela leitura atenta de uma das versões deste trabalho e pelas sugestões e comentários importantíssimos.

A professora Dra. Helena Britto por aceitar o convite para fazer parte da banca.

A minha mãe e ao meu irmão pelo apoio incondicional, pelo amor, pelo carinho, que tornaram esse caminho menos árduo.

Ao casal Marina Rosa Ana Augusto e Evaldo Mortinho pelo apoio que abriu o caminho para que eu pudesse realizar este trabalho.

A Marília Ferreira, minha querida irmã, pelo companheirismo, pelo apoio, por dividir comigo os bons e os maus momentos, pelo incentivo sempre, mas acima de tudo, pela amizade sincera, incondicional e porque não dizer, imensurável.

Ao casal Ana Hortência Magalhães e Reginaldo Costa pelo incentivo, apoio e pelo carinho incondicional demonstrado a minha filha.

A Ana Cláudia Bastos pela amizade, pelos risos, pela convivência harmoniosa, pelo apoio e pelo carinho demonstrado a minha filha em momentos importantes.

A Silvia Regina Cavalcante pela amizade e por ter se tornado a segunda mãe para minha filha nos momentos em que a primeira se fez ausente.

Aos amigos Marcello Marcelino Rosa, Claudiana Nogueira pelo carinho, pelos puxões de orelha e pela colaboração importantíssima neste trabalho.

A dona Lenita pela acolhida, pelo carinho e pelos cuidados de uma mãe.

As minhas conterrâneas: Zenaide Carneiro, Norma Almeida, Fátima Nogueira, Hely Cabral pelo carinho, amizade e pelo incentivo.

Aos meus vizinhos Wilson, Tétis e Dona Tomiko pela convivência enriquecedora.

Aos colegas de área e/ou curso, Lurdes Jorge, Ana Paula Scher, Evani Viotti, Cynthia Zocca, Elaine Grolla, Marcelo Ferreira, Amélia Reis, Andrés Salanova, Irenilza Oliveira, Cristina Saenger, Maria Clara Paixão, Ronald,

Cristina Carvalho, Cosme Batista, Antônio Carlos, Rogério Ferreira, Vitória Ferreira, Patrícia Garcia e Sandoval Nonato pela alegria da convivência.

Aos funcionários do IEL Rogério Cerveira, Rose Marcelino, Wagner Amante, Carlos Bastos, Wilson Kawai, Rita América pela atenção e gentileza com que sempre me trataram.

A Raquel Santana pela gentileza de ter me concedido os dados de aquisição.

Aos professores dos Colégios Objetivo, José Matosinho, Maria Alice Colevati, Barão Geraldo de Rezende e Agripina de Lima Pedreira por terem me concedido as redações que compõem uma parte da amostra analisada neste trabalho.

Aos colegas do CMALP e a Prefeitura Municipal de São Gonçalo dos Campos pelo incentivo.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho o meu MUITO OBRIGADA.

Este trabalho foi financiado por
uma bolsa CAPES

“Consigo pilotar meu barco ao sabor dos ventos,
mas sei que há muito mar pela frente. Talvez
nunca chegue ao porto. Tomara mesmo que não,
pois o melhor da viagem é estar nela.”

Dias Gomes

RESUMO

Várias pesquisas afirmam que os falantes do Português do Brasil já não usam mais o sujeito nulo referencial. A principal causa disso é a redução no paradigma flexional dessa língua. No entanto, verifica-se na escrita um uso ainda significativo de sujeitos pronominais nulos.

Este trabalho analisa o uso de sujeitos pronominais nulos vs plenos na escrita escolar e nos dados de uma criança na fase de aquisição e compara quantitativamente esses dados aos dados de Duarte (1995) e qualitativamente aos dados de Figueiredo e Silva (1996) e Modesto (1999) para verificar se as restrições encontradas na língua oral são ainda verificadas durante a escolarização e qual é o papel da escola no uso daqueles sujeitos pronominais nulos que já não são encontrados na fala. Defende-se para tanto que a criança acionou a mudança na direção ao uso de sujeito pronominal pleno no PB e que a escola tenta reverter essa inovação através do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Português Brasileiro; sujeito nulo; aquisição da linguagem; aprendizagem da linguagem; mudança lingüística

ABSTRACT

Research shows that Brazilian Portuguese speakers no longer use the referential null subject. Such reduction is mainly caused by the reduction of the inflectional paradigm in Brazilian Portuguese. Nevertheless, a significant use of null pronominal subjects can still be found in writing. This work analyzes the use of null pronominal subjects vs full pronominal subjects in school writing and in the data presented by a child in the process of acquisition. The relevant data are quantitatively compared to those in Duarte (1995) and qualitatively compared to those in Figueiredo e Silva (1996) and Modesto (1999) in order to verify if the constraints found in spoken language can still be found in the schooling process. As a consequence, this work also attempts to investigate the role that the use of null pronominal subjects may have in school, since they are not encountered in the spoken language. The leading hypothesis defended in this work is that the child has triggered a change towards the use of full pronominal subjects in BP while the school's role is to try to revert the change by means of the learning process.

Key Words: Brazilian Portuguese, null subject, language learning, language acquisition, linguistic change.

SUMÁRIO

Índice de Tabelas	xxiii
Quadro de Abreviaturas	xxv
1- Proposta de Trabalho	29
• 1 Introdução.....	29
• 1.2 O Ponto de Partida desse Trabalho.....	32
• 1.2.1 Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: A Trajetória do Sujeito no Português do Brasil.....	32
• 1.2.2 Do Pronome Pleno ao Pronome Nulo.....	36
• 1.3 Pressupostos Teóricos e Hipóteses de Trabalho.....	41
• 1.3.1 Aquisição e Aprendizagem.....	42
• 1.3.2 Objetivos do Trabalho: perguntas e respostas.....	45
• 1.4 Metodologia.....	47
• 1.4.1 Amostra utilizada e Seleção de Dados.....	47
• 1.4.2 Seleção de Dados.....	48
• 1.4.3 Os Grupos de Fatores.....	52
2 - O Sujeito Pronominal Pleno vs Nulo na Aquisição e na Escrita:	
Resultados Quantitativos	61
• 2.1 Introdução.....	61
• 2.2 Aquisição e Mudança Lingüística.....	61

• 2.3 A Pessoa Gramatical.....	64
• 2.4 A Forma Verbal e o Tipos de Orações.....	71
• 2.5 O Traço Semântico do Referente de Terceira Pessoa.....	78
• 2.6 Considerações Finais.....	80
• Valores de Input e Significância.....	82
3 - Resultados Qualitativos	83
• 3.1 Introdução.....	83
• 3.2 A Duplicação do Sujeito.....	83
• 3.3 Sujeitos Nulos das Encaixadas no PB.....	89
• 3.3.1 Os Dados.....	91
• 3.4 Os Sujeitos Nulos de Referência Arbitrária ou Indeterminada.....	92
• 3.5 Considerações Finais.....	94
4 - Conclusão.....	97
Bibliografia.....	101

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	Evolução nos paradigmas flexionais do PB.....	33
Tabela 1.1	Ocorrência de sujeitos pronominais plenos antes e depois da aprendizagem escolar.....	44
Tabela 2.1	Ocorrência de sujeito pronominal pleno de 1ª pessoa.....	64
Tabela 2.2	Ocorrência de sujeito pronominal pleno de 2ª pessoa.....	67
Tabela 2.3	Ocorrência de sujeito pronominal pleno de 3ª pessoa.....	69
Tabela 2.4	Ocorrência de sujeito pronominal pleno segundo o tipo de oração.....	72
Tabela 2.4.1	Ocorrência de sujeito pronominal pleno em encaixadas e hipotáticas.....	76
Tabela 2.5	Ocorrência de sujeito pronominal pleno segundo o traço semântico do referente de 3ª pessoa.....	79

QUADRO DE ABREVIATURAS

Será apresentado a seguir um quadro de abreviaturas usadas neste trabalho. Algumas são apresentadas em inglês por se tratarem de termos técnicos usados na Teoria Gerativa. Primeiramente, serão apresentadas as abreviaturas; em seguida o correspondente em inglês (quando for o caso) e finalmente o correspondente em português.

agr	Agreement	Concordância
CP	Complementizer Phrase	Sintagma Complementizador
CV		Categoria Vazia
DLP		Dado Lingüístico Primário
DP	Determiner Phrase	Sintagma Determinante
Σ P	Sigma Phrase	Sintagma Sigma
GI		Gramática Internalizada
GN		Gramática Normativa
GU		Gramática Universal
LF	Logical Form	Forma Lógica
N		Número
NP	Noun Phrase	Sintagma Nominal

PB		Português Brasileiro
PE		Português Europeu
PF	Phonetic Form	Forma Fonética
Pro-drop	Pronoun Dropped	Queda de Pronome
pro	Null Pronoun	Pronome Nulo
PRO	Null Pronoun	Pronome Nulo
SN		Sintagma Nominal
Spec	Specifier	Especificador
T	Tense	Tempo
T		Total
t	Trace	Vestígio
TP	Tense Phrase	Sintagma Temporal
V	Verb	Verbo
VP	Verb Phrase	Sintagma Verbal

1- Proposta De Trabalho

1.1 - Introdução

Desde de 1981, quando Chomsky propôs um modelo de gramática baseado em Princípios e Parâmetros, os estudos de variação e mudança lingüísticas, no âmbito da Teoria Gerativa, tomaram novos rumos. As línguas naturais, então, passaram a ser analisadas em termos de Princípios Universais - responsáveis pelo que há de semelhante entre as línguas - e Parâmetros - responsáveis pela variação, isto é, pelo que as diferencia.

No que se refere ao estudo dos Parâmetros, um dos fenômenos que têm sido mais estudados é a possibilidade de algumas línguas apresentarem o sujeito nulo. Tal possibilidade diferencia, por exemplo, o Italiano, que o permite, do Inglês, que não o licencia.

O parâmetro responsável por esse tipo de diferença entre as línguas é o tão famoso e discutido Parâmetro do Sujeito Nulo (Chomsky,1981). Esse parâmetro tem sido proposto como tendo sua propriedade básica definida em termos das propriedades flexionais das línguas: em línguas como o italiano, que têm o sistema flexional rico, o elemento Agreement permite a omissão do sujeito; línguas com Agr pobre, caso em que se insere o Inglês, a omissão

do sujeito não é permitida. Segundo Chomsky (1981) essa correlação com a flexão visível não precisa ser exata¹, mas há alguma propriedade abstrata de Agr correlacionada mais ou menos com a morfologia visível², que distingue línguas “pro-drop” de “não-pro-drop”.

Com relação ao Português do Brasil (doravante PB) o que muitas pesquisas (Duarte, 1993; 1995) têm mostrado é que o PB está deixando de licenciar o sujeito nulo referencial. Isso tem sido relacionado à redução na riqueza flexional sofrida por essa língua. No entanto, tem-se verificado na escrita um uso ainda significativo de sujeitos pronominais nulos (Duarte, 1993; Paredes da Silva, 1988, Magalhães (ms)). O meu objetivo neste trabalho, portanto, é observar o uso dos sujeitos pronominais nulos vs plenos na aquisição e na escrita de escolares, procurando compará-los aos dados de fala espontânea de Duarte (1995), que revelam que o PB está deixando de licenciar o sujeito nulo referencial, e precisar qual é o papel da escola no uso significativo do sujeito pronominal nulo na escrita. Para tanto, farei uma análise dos dados de aquisição do PB, para saber exatamente o que de sujeito nulo a criança leva de sua gramática-I para a escola. O trabalho pretende discutir, ainda, o estatuto desses sujeitos nulos aprendidos.

Para verificar o uso que se faz do sujeito nulo e não nulo na escrita, esse trabalho usa a metodologia da sociolinguística quantitativa para o levantamento dos condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos. Como os

¹ Chomsky faz essa observação, baseado no fato de que há línguas que apresentam um sistema flexional misto, permitindo o apagamento do sujeito em algumas construções, mas não em outras (Hebraico, Irlandês)

dados serão comparados com a produção de uma criança (doravante RA) antes de entrar na escola, estarei trabalhando tanto com “aquisição” no sentido chomskiano quanto com “uso” determinado por “aprendizagem” escolar.

Esta dissertação se compõe de 4 capítulos. Na continuação desse capítulo 1, apresentarei o resumo dos trabalhos que serviram de ponto de partida para esta pesquisa: No primeiro deles, apresento o estudo diacrônico de Duarte (1993) sobre sujeito pronominal no PB, baseado em textos de peças teatrais, que mostra haver uma relação entre a simplificação no paradigma flexional e a diminuição de ocorrências de sujeito nulo em todas as pessoas gramaticais e o estudo sincrônico de Duarte (1995), em que a autora analisa o desaparecimento do sujeito nulo referencial na língua como uma mudança ainda não concluída. O terceiro é um trabalho preliminar que procura verificar a ocorrência de pronomes sujeitos nulos na escrita e sua relação com os fatores escolaridade e grau de conexão do discurso (Magalhães, ms)³. Apresento ainda a minha proposta de trabalho e as hipóteses em que está baseada. Faço uma descrição das amostras analisadas, dos critérios utilizados para a seleção dos dados e apresento os pressupostos teóricos que orientam a escolha dos fatores condicionadores.

No segundo capítulo, procuro mostrar as ocorrências de sujeito pronominal nulo vs pleno nos dados de aquisição e da escrita para verificar

² "The intuitive idea is that where there is overt agreement, the subject can be dropped, since the deletion is recoverable" (Chomsky, 1981: 240).

onde estão as diferenças entre a fala e a escrita e o que de pronomes nulos a criança leva para a escola. Com essa comparação será possível descobrir qual é o percurso que a criança faz no uso de sujeitos pronominais nulos da aquisição da fala para a aprendizagem da escrita. Farei uma comparação com os dados de Duarte (1995), tentando, dessa forma, observar se os contextos de mudança atestados por Duarte se encontram mais avançados nos dados da criança, uma vez que essa é tida como principal agente da mudança por que passa uma língua (cf. Lightfoot, 1991 e 1999).

No terceiro capítulo, será apresentada uma proposta de análise para os sujeitos pronominais nulos, para os sujeitos duplicados e para os casos de pronomes fracos que aparecem na amostra.

No quarto capítulo, serão apresentadas as conclusões deste trabalho.

1.2- O Ponto de Partida deste Trabalho

1.2.1 Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: A Trajetória do Sujeito no Português do Brasil (Duarte, 1993; 1995)

Analisando peças de teatro escritas entre 1845 e 1992, Duarte (1993) constatou que o Português do Brasil evoluiu de um sistema pronominal com seis formas distintas mais dois sincretismo - representados pela segunda

³ Trabalho desenvolvido na disciplina Metodologia da Pesquisa Sociolinguística, sob orientação da Profa Maria Luíza Braga e apresentado como comunicação no III CELSUL, IV SIL e X VARSUL-PROEX-PUCRS (1999).

pessoa indireta que utiliza as formas de terceira pessoa (P1) - para um paradigma que apresenta quatro formas, graças à perda da segunda pessoa direta (P2). Este paradigma, restrito hoje à língua escrita e à fala de uma geração situada numa faixa etária mais alta, coexiste com um terceiro, em que se vêem apenas três formas, como consequência da perda do pronome de primeira pessoa do plural *nós*, substituído pela expressão *a gente* que se combina com formas verbais de terceira pessoa do singular (P3):

Tabela (1): Evolução nos paradigmas flexionais do PB (Apud.

Duarte, 1993: 109)

PESSOA	NÚMERO	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2	PARADIGMA 3
1ª	Sing.	Canta-o	Canta-o	Canta-o
2ª direta	Sing.	Canta-s	_____	_____
2ª indireta	Sing.	Canta-0	Canta-0	Canta-0
3ª	Sing.	Canta-0	Canta-0	Canta-0
1ª	Plur.	Canta-mos	Canta-mos	Canta-0
2ª direta	Plur.	Canta-is	_____	_____
2ª indireta	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m
3ª	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m

Nos períodos em que o paradigma 1 está em funcionamento, há uma nítida preferência pelo sujeito nulo, tanto com as formas tu e vós (2ª pessoa

direta), quanto com as formas de tratamento (2ª pessoa indireta). A partir do momento em que ocorre a perda da 2ª pessoa direta, a opção pelo sujeito nulo cai para 69% em 1918 e para 25% em 1937:

(1) Carolice: - Não digas tolices, menino! (observando)

Onde andará esta gente?

Formosinho: -(sempre muito tímido) Vamos embora, mamãe!

Carolice: - Não seja bobo, menino! Sabe que dia é hoje.

Formosinho: - Sexta-feira, treze de janeiro.

Carolice: Isso mesmo. Daqui a cinco dias você completa vinte e dois anos.

(Apud.Duarte,1993:114)

O exemplo (1) é de uma peça de 1938 em que o paradigma 1 ainda é usado, mas já há interferência do paradigma 2, provocando uso restrito da 2ª pessoa direta e uma freqüência na mistura de formas de tratamento, fato não observado uma só vez nos textos de períodos anteriores. O que, segundo Duarte, vem ilustrar significativamente a influência do paradigma 2 no processo de mudança.

Das pessoas do discurso, a única que não parece ter sido afetada pela redução no paradigma é a 3ª pessoa. Há uma ligeira tendência de queda na segunda metade do século, mas o sujeito nulo continua sendo a opção preferida, como ilustra o exemplo abaixo de uma peça de 1992:

(2) Holly (nota Gabriel): O que é que nosso anjo_i tem hoje?

Margareth: pro_i Tá com essa cara desde que pro_i chegou do ginásio.

pro_i Nem foi em casa almoçar.

Dona Irene: Com certeza pro_i vai ficar novamente em segunda época.

Desde que pro_i chegou que pro_i não pára de olhar a caderneta.

(Apud. Duarte, 1993:118)

Segundo a autora, o que explica a presença de sujeito nulo de 3^a pessoa é o fato de *pro*, nesse caso, poder ser reforçado por um elemento externo (Tema) que torna sua identificação possível.

No trabalho de 1995, Duarte analisou a posição do sujeito em sentenças com tempo e examinou os sujeitos de referência definida e arbitrária, numa amostra sincrônica cujos informantes, que foram divididos em três grupos, tinham formação universitária. Os resultado obtidos foram os seguintes:

Dos sujeitos de referência definida, 29% apresentaram o sujeito nulo, enquanto 71% o sujeito pronominal pleno. Os de referência arbitrária apresentaram um total de 65% de sujeitos plenos e 35% nulos.

Já com relação às pessoas gramaticais somadas ao condicionamento social, foi constatado que os percentuais mais baixos de sujeitos nulos ocorrem na 2^a pessoa com o grupo 1 (de 59 a 74 anos) apresentando 20%, seguido pelos grupos 2 (entre 45 e 53 anos) e 3 (entre 25 e 32 anos) com 6% e 8% respectivamente. A seguir vem a 1^a pessoa com 33% de

ocorrências (grupo 1) e 21% (grupos 2 e 3). Finalmente, a 3ª pessoa com os índices mais altos de sujeitos nulos (50%, 35%, 33%) respectivamente.

Quanto à fala da mídia, os percentuais confirmam o resultado obtido na fala espontânea para todas as pessoas, destacando-se, apenas, que enquanto a fala da mídia privilegia o sujeito nulo na 3ª pessoa do plural, a dos informantes prefere a 3ª do singular.

Segundo Duarte (1995), os resultados de sua análise revelam que o PB convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características *pro-drop* e um sistema em desenvolvimento, em que a “riqueza funcional” já não permite a identificação de *pro*.

1.2.2. Do Pronome Pleno ao Pronome Nulo (Magalhães, ms)

Em trabalho anterior, procurei verificar a ocorrência de pronomes nulos na posição de sujeito em redações escolares e sua relação com os fatores escolaridade e grau de conexão do discurso.⁴

Para utilizar o grupo de fatores grau de conexão do discurso, tomei por base o trabalho de Paredes da Silva (1988) em que a autora analisa a ocorrência de sujeitos nulos em cartas pessoais e constata a relevância desse grupo de fatores para detectar o contexto em que há maior omissão de sujeito. A hipótese da autora é de que a maior ocorrência de alguns pronomes do que outros está relacionada a alguma propriedade do discurso

⁴ Esse tipo de análise não é feita pela Teoria Gerativa.

não recuperável nas orações quando consideradas por si. À medida que se estreita a conexão discursiva entre um referente na função de sujeito e sua menção prévia, cresce a tendência à omissão de sujeito. O sujeito ocupa uma posição na oração de acordo com uma escala de seis graus que podem ser assim definidos:

- Grau 1

Mantém-se o mesmo referente e o mesmo tempo verbal, representando uma seqüência de eventos em torno do mesmo participante, ou uma série de processos mentais ligados ao emissor. Não há mudança de tópico no sentido discursivo ou frasal:

(3) a "...**Nós₁** compramos algumas peças da antiga cidade, **nós₁** demos um passeio por Israel, depois que **nós₁** fomos a Israel, **nós₁** ficamos muito chocados quando **nós₁** vimos miragens." (4ª série)

- Grau 2

Permanece a exigência da manutenção do tópico (discursivo ou frasal), mas pode haver uma mudança no tempo, aspecto e ou modo do verbo:

(4) a. “**Cv**₁ vou pedir uma ordem ao médico porque **eu**₁ não agüento ver você sofrer mais.” (7ª série)

- Grau 3

Enfraquece mais a conexão. Pode ocorrer entre o sujeito e o seu referente orações de curta extensão, geralmente impessoais.

(5) a. “Eu, antes de todo mundo chegar, pedi para mamãe falar.” (4ª série)

- Grau 4

O referente tem sua última menção em outra função sintática. Podendo passar de um papel secundário para um papel central em termos discursivos.

(6) a. “Em um certo dia, marquei um encontro com um **garoto**₁ **que**₁ eu amo muito e acho que **ele**₁ também me ama.” (8ª série)

- Grau 5

A conexão é afetada por ter entrado outro participante na função de sujeito em cena:

(7) a. “**Beto**₁ disse que **cv**₁ estava muito a fim dela e **cv**₁ queria namorá-la. **Ela**₂ pensou, e **cv**₂ chegou à conclusão que se **ela**₂ namorasse com ele, **ela**₂ poderia esquecer o Ricardo, então, **ela**₂ aceitou namorar com Beto.” (8ª série)

- Grau 6

Conexão mais fraca por causa de mudança de tópico discursivo ou do assunto tratado:

(8) a. “Era uma vez **um menino fortão**₁ um dia **ele**₁ se escreveu num campeonato de boxe para **cv**₁ lutar mas em todos os campeonatos **ele**₁ ganha **ele**₁ já tem mais de 5 troféis **cv**₁ é o melhor lutador **ele**₁ saía as pessoas o elogiava era lindo, forte, famoso *mas um dia aconteceu um grande acidente **ele** foi mordido por um cachorro Pit-Bu.*” (3ª série)⁵

O grau de conexão que considerei ótimo para a omissão de sujeito foi o grau 2. Aqui a omissão de sujeito foi significativa (66%).

A mudança de tempo e aspecto se mostrou muito propícia como contexto para o sujeito nulo, como mostra o exemplo (9):

⁵ Os exemplos são retirados como aparecem nos textos dos alunos, sem correções.

(9) a. “**Eu₁** estou de castigo, porque **cv₁** briguei com minha irmã e não **cv₁** vou poder jogar futebol hoje.” (3ª série)

Em segundo lugar, como contexto propiciador para o uso de sujeito nulo, aparece o grau 1 de conexão do discurso (50%). A manutenção do mesmo referente e do mesmo tempo verbal não se mostrou tão propícia para a omissão de sujeito, quando comparada ao grau 2, onde há mudança de tempo:

(10) a. “Já é a terceira vez que **eu₁** viajo de barco. Mas mesmo assim **eu₁** não gosto. **Eu₁** estou com medo.” (4ª série)

Em terceiro lugar aparece o grau 5 com 49% de sujeitos nulos, uma diferença pequena em relação ao grau 1. A entrada de outro participante em cena na função de sujeito faz com que, ao retomar o sujeito anterior, o redator preencha a posição do sujeito numa tentativa de ressaltar a que sujeito ele está se referindo. O preenchimento do sujeito surge como meio de garantir a identificação do sujeito principal do discurso:

(11) a. “... e **eu₁** comprei um conjunto de roupas. Depois **cv₂** fomos lanchar no Mcdonald, **eu₁** comi um lanche, **cv₂** voltamos.” (3ª série)

O grau de conexão 4 não se mostrou significativo para o sujeito nulo. Talvez pelo fato de o referente ter sua última menção em outra função sintática o redator sinta necessidade de reforçar a nova função com o preenchimento do sujeito:

(12) a. "Eu também tenho **um gato**₁, mas **ele**₁ fica na minha vizinha, **ele**₁ é jovem." (3ª série)

- **sujeito pronominal nulo e a escolaridade**

Com relação à escolaridade foi possível perceber que mesmo com a imposição da gramática normativa (doravante GN), que requer o uso de sujeitos pronominais nulos na escrita sempre que possível, as séries iniciais usam o sujeito preenchido, opção já licenciada pela gramática internalizada (GI). Essa opção só começa a mudar no final do 1º grau. Enquanto a 3ª série apresenta um peso relativo de .42 na produção de sujeitos nulos a 8ª série chega a .76⁶. Isso evidencia a resistência do aluno em utilizar uma forma que já não faz parte de sua gramática natural e a participação da escola em tal uso.

1.3 - Pressupostos Teóricos e Hipóteses de Trabalho

⁶ O input para a ocorrência de sujeitos pronominais nulos na amostra foi de .56.

1.3.1- Aquisição e Aprendizagem

Um estudo cujo objetivo é verificar como um mesmo fenômeno se comporta na aquisição da linguagem oral e na aprendizagem da linguagem escrita precisa ter bem claro a diferença que envolve essas duas modalidades. Por essa razão, procurarei mostrar nesta seção como estou entendendo aquisição e aprendizagem.

Aquisição é o processo pelo qual o falante entra em contato com a língua por meio do “input” natural externo e aprendizagem aquele processo em que há algum tipo intervenção ou estímulo externo (Apud. Kato, 1999b:01).

Na aquisição da linguagem, o falante necessita somente estar inserido no ambiente lingüístico da língua que está adquirindo, e não ter ultrapassado o período crítico, para ter as informações necessárias para desenvolver o sistema lingüístico correspondente a essa língua. Ele não precisa que indiquem para ele que caminhos seguir nesse percurso. Estou, portanto, assumindo que adquirir a fala é algo biológico da espécie humana, é um processo natural, no sentido de que ela se desenvolve sem a necessidade de correções ou instruções⁷. Já a aprendizagem da escrita é uma habilidade cultural durante a qual o aprendiz, normalmente, necessita de ajuda para descobrir quais mecanismos de que ele pode dispor para usá-la de uma forma eficiente⁸. Como afirmou Ong (1982 in Kato, 1999b) a escrita se

⁷ Estou adotando aquisição numa concepção chomskiana.

⁸ Salvo os casos de crianças que são autodidatas.

classifica como tecnologia e, como qualquer tecnologia, impõe restrições próprias.

A criança que já passou pelo processo de aquisição, vem para a escola com um conhecimento gramatical de língua nativa (Língua-I) pronto e, muitas vezes, ao chegar à escola, é apresentada a formas que não correspondem às aquelas que ela adquiriu. Mesmo diante de formas diferentes, a criança vai utilizar o conhecimento de que já dispõe e a escola vai tentar reprimir esse uso através das correções, pois ele não condiz com aquele exigido pela Gramática Normativa (GN) para a escrita. Como consequência, teremos produções escritas recheadas por uma mistura de formas que reflete o conhecimento da gramática que o aluno traz para a escola (sua gramática-I) e das regras que lhe são ensinadas durante o processo de ensino - aprendizagem. Neste trabalho, abordarei esse aspecto com relação ao uso dos sujeitos pronominais nulos vs plenos.

Ao fazer um estudo sobre omissão de sujeitos pronominais em redações escolares de 3ª, 4ª, 7ª e 8ª séries (Magalhães, ms), descobri que enquanto a 3ª série apresentava 51% de sujeitos pronominais nulos em suas produções a 8ª série chegava a apresentar 86%. Esse resultado, somado a todas as informações que eu tinha sobre sujeitos pronominais nulos no PB (op. cit.), levou-me a pensar que o alto índice de sujeitos nulos na escrita poderia ser resultado da aprendizagem escolar.

Se o PB está passando por um processo de mudança com relação ao uso de sujeito nulo como afirmou Duarte (1995), e se é a criança que detona o

processo de mudança como afirma uma das correntes da lingüística moderna⁹, a minha expectativa era de que a produção oral da criança apresentasse um índice de pronomes plenos mais altos do que aqueles apresentados pelos dados da escrita e pelos falantes de Duarte (1995). Tal resultado mostraria que o processo de mudança no PB com relação ao uso de sujeitos pronominais nulos já estaria implementado e que sua gramática já se encontraria estável. Portanto, os sujeitos pronominais nulos encontrados na escrita seriam, realmente, frutos da aprendizagem escolar.

Vejamos na tabela (1.1)¹⁰ abaixo como fica a produção de sujeitos pronominais plenos produzidos antes da aprendizagem escolar e depois dela:

Tabela 1.1- Ocorrência de sujeitos pronominais plenos antes e depois da aprendizagem escolar.¹¹

IDADE	N / T	(%)
2;7 a 2;8 meses	94 / 127	74
3;0, a 3;4 meses	262 / 310	85
9 anos (3ª série)	360 / 501	72
13 anos (8ª série)	134 / 213	63

⁹ Cf. Lightfoot (1991; 1999)

¹⁰ Gostaria de esclarecer que as tabelas trarão os resultados em função da ocorrência dos sujeitos plenos, ao contrário das tabelas de Duarte (1995). O objetivo é mostrar a redução no uso dos sujeitos plenos.

¹¹ Os dados correspondentes ao período de 2;7 a 3;4 meses são de fala; os de 9 a 13 anos são da escrita.

Como podemos observar há uma queda no índice de sujeitos pronominais plenos da aquisição (3;4 meses)¹² para a faixa correspondente ao período escolar (13 anos) de 22%. Esse resultado nos leva a perceber que aos 3;4 meses a criança usa 15% de sujeitos nulos, enquanto no fim do primeiro grau esse uso chega a 37%.

Por se tratar de aprendizagem e não de aquisição, esses nulos não podem ser explicados em termos de marcação de parâmetro, porque a essa altura o falante já fez a sua opção paramétrica. Trata-se agora de explicar o desempenho do falante diante do processo de ensino – aprendizagem.

1.3.2- Objetivos do Trabalho: perguntas e respostas

Minha proposta de trabalho, tomando por base para tanto a exposição feita neste capítulo e usando como pressuposto teórico o Parâmetro do Sujeito Nulo, é observar o uso dos sujeitos pronominais nulos vs plenos na escrita escolar e nos dados de uma criança na fase de aquisição e compará-los quantitativamente aos dados de Duarte (1995) e qualitativamente aos estudos de Figueiredo (1996) e Modesto (1999), que tratam o sujeito nulo do PB como *pro* vinculado a um antecedente numa posição A'. O objetivo é verificar se as restrições encontradas na língua oral são ainda verificadas

¹² Vale ressaltar que a criança aqui analisada apresenta nulos que se diferenciam daqueles que poderiam ser considerados nulos universais, isto é, encontrados na fase de aquisição de todas as línguas. Na faixa considerada, a criança já produz nulos que são também encontrados nos dados de adultos, caracterizando uma gramática já adquirida.

durante a escolarização e caso isso não se verifique, buscar os fatores que determinam a ocorrência do sujeito pronominal nulo vs pleno na escrita.

As perguntas que procurarei responder são as seguintes:

1. O que a criança traz de sua gramática-I para a escola ?
2. Em relação aos dados dos adultos de Duarte (1995), a minha criança, antes da escolarização, apresenta mudança mais avançada?
3. De que natureza são os nulos de 3ª pessoa no corpus dessa criança?
4. A escola consegue reverter quantitativamente as inovações apresentadas pela gramática do PB com o processo de mudança?
5. Como o sujeito nulo se desenvolve durante a escolarização, isto é, ele apresenta as mesmas restrições encontradas na fala e na intuição do falante adulto?

As hipóteses que orientarão a análise dos dados no sentido de verificar o que condiciona um uso maior de nulos na escrita que na fala serão as seguintes:

- Considerando a hipótese de Lightfoot (1991; 1999) de que as mudanças ocorrem porque a criança entra em contato com um input diferente daquele a que seus pais foram expostos, re-analisei a fala do adulto e assumirei que as crianças estão mais a frente no processo de mudança com relação ao não uso do sujeito nulo e, portanto,

preenchem até os casos para os quais os falantes de Duarte (1995) deixam vazios.

- Segundo Kato (1999b) o aprendiz na escola vai alterando as formas adquiridas para adequá-las às normas convencionais da escrita, que reprimem as inovações da língua e fazem o falante voltar as formas eliminadas, ou no limiar do desaparecimento. Esse trabalho seguirá a hipótese de que os nulos referenciais existentes na escrita são recuperados pela aprendizagem escolar.
- Considerando os dados de Duarte (1995) para a fala espontânea, em que a autora constata que mesmo os escolarizados usam pouquíssimos sujeitos nulos referenciais em contextos em que tal uso é permitido, assumirei que a escola consegue reverter parcialmente inovações pelas quais vem passando o PB com relação ao sujeito nulo referencial.
- Com relação aos sujeitos pronominais nulos de referência definida que aparecem nos dados de escrita, assumirei que eles precisam de um antecedente para identificá-los, uma vez que a identificação via morfologia verbal não é mais possível¹³.

1.4- Metodologia

1.4.1- Amostra Utilizada e Seleção de Dados

O *corpus* deste estudo é composto de gravações feitas com uma criança na faixa etária de 1;11 a 3;4 meses (Raquel, denominada como RA)¹⁴ e por redações (narrações)¹⁵ de alunos da 3ª, 4ª, 7ª e 8ª séries, totalizando 2475 dados, sendo 1035 dados de fala e 1440 dados de escrita.

Com relação aos dados de aquisição, procurei fazer um estudo longitudinal do uso dos pronomes nulos e plenos com o intuito de verificar quais sujeitos preenchidos constituem inovações da criança em relação aos adultos de Duarte (1995). Comparei, também, esses mesmos dados aos de escrita para verificar qual o papel da aprendizagem no uso de nulos que aparece nessa modalidade.

1.4.2- Seleção de Dados

Este trabalho se ocupará dos sujeitos de referência definida em orações com tempo e no infinitivo pessoal¹⁶. No entanto, há uma pequena amostra com sujeitos de referência indeterminada/arbitrária que será analisada qualitativamente, mesmo não sendo ponto principal deste trabalho.

¹³ Gostaria de esclarecer que ao afirmar que o PB está perdendo a propriedade de língua pro-drop, estarei me referindo a perda da identificação do sujeito nulo via morfologia verbal.

¹⁴ Este corpus faz parte do arquivo de aquisição da linguagem do CEDAE do Departamento de Linguística do IEL - Instituto de Estudos da Linguagem-UNICAMP. Vale ressaltar que RA é mais nova que os falantes do grupo 3 de Duarte pelo menos 15 anos com relação aos que tinham 32 anos na época das gravações (1992) e 7 anos em relação aos que tinham 25 anos.

¹⁵ Optei por narrações por serem um gênero mais básico de produção em que o aluno pode fazer uso de todas as pessoas do discurso. Fato que não ocorre nas dissertações onde o aluno é levado a usar somente uma pessoa do discurso (1ª do plural ou 3ª do singular). Além disso, nas séries iniciais quase não são produzidas dissertações.

- **Os sujeitos de referência indeterminada/arbitrária**

No que diz respeito aos dados de aquisição, é importante salientar que a criança no início de sua produção apresenta muitos nulos desse tipo, como está exemplificado em (13) abaixo:

(13) a. Mãe: E você tem pipi?

RA: Não tem pipi. (2;0)

b. RA: Pode bater nela? (2;3)

Os exemplos (13a e b) representam um contexto muito comum na fase de sujeito nulo da criança: o uso de terceira pessoa indeterminada. A criança usa terceira pessoa para todos os referentes do discurso. Segundo Kato (1999a) isso acontece porque, inicialmente, a criança usa uma gramática “Default” com uma única pessoa duplicada por PRO (tal como o PRO do infinitivo):

PRO_i[TP $\emptyset_{[3^{ra}+pron.]}$ [Cai]]]

¹⁶ Descartam-se aqui os casos do chamado PRO controlado por não constituírem contextos de variação (Ex.: Não vou [PRO] jogar futebol). Os casos de infinitivo analisados são aqueles considerados contextos de *pro* (Ex.: Embora eu tivesse dinheiro para [pro] gastar...)

Os dados de escrita apresentaram pouquíssimos casos de indeterminados. Tendo dentre eles, aqueles casos em que a realização como pronomes plenos incluem **você**, **a gente** com em (14 a e b):

(14) a. “Mas(...) nessa aventura eu aprendi uma coisa:

você não precisa ser anjo para poder fazer boas ações...” (4ª série)

b. “Sofrer é a pior coisa que **a gente** se encontra neste mundo de Deus.” (7ª série)

- **Os sujeitos de referência definida**

Entre os sujeitos de referência definida foram excluídos da amostra:¹⁷

a) Casos considerados nulos categóricos:

- Respostas afirmativas que se constroem basicamente com sujeito nulo e verbo, muitas vezes constituídas de mera extração de parte do discurso da mãe¹⁸:

(15) a Mãe: Vamos fechar a porta?

RA: Vamos! (2;3)

b) Construções clivadas:

¹⁷ Esses dados foram excluídos por não representarem contexto de variação.

(16) a. RA: Eu que conto. (2;0.27)

b. RA: Você que tira. (2;0.12)

c. "... porque são eles que fazem a festa com as vassouras e sacos de lixo." (7ª série)

d. "Itamar falou eu que chamei Eva para procurar comida..." (4ª série)

c) Construções imperativas com sujeito pronominal nulo:

(17) a. RA: toma a blusa! (2;7)

b. "Agora **cv** fique quieto aí com sua boca de matraca." (4ª série)

d) Relativas em que o sujeito é o pronome *que*:

(18) a. "Os dois correram para o iate **que aguentou**." (3ª série)

b. "Eu transformei você em um anjo, porque precisava de alguém bom para substituir minha anja **que está doente**." (4ª série)

c. "Eu já estava cansada de andar quando de repente deparei-me com um casarão, **que pegava quase 2 quarteirões**." (7ª série)

¹⁸ Cf. Oliveira (1996) para maiores detalhes.

d. “Era um vento forte e muito intenso, úmido **que deixava o dia muito frio.**” (8ª série)

1.4.3 - Os Grupos de Fatores

Serão considerados para a observação da variável dependente “sujeito pronominal nulo” vs. “sujeito pronominal pleno” os seguintes grupos de fatores:

a) Número / Pessoa

De acordo Duarte (1993; 1995), o PB deixou de licenciar o sujeito nulo por que seu paradigma flexional se tornou pobre. Ainda de acordo com Duarte, a terceira pessoa é a que mais licencia o sujeito nulo referencial porque *pro*, nesse caso, pode contar com o reforço de um antecedente. Esse fator permitirá verificar como está se realizando o sujeito pronominal em todas as pessoas do discurso bem como se a terceira pessoa ainda continua a licenciar mais o nulo tanto na fase de aquisição como na fase de aprendizagem da escrita, ou se a implementação do sujeito pronominal pleno já atingiu a terceira pessoa do mesmo modo que as outras pessoas. Com relação aos dados de aquisição, se a criança está preenchendo mais sujeitos pronominais de terceira pessoa que os falantes de Duarte (1995), isso significaria que o uso de sujeito pronominal pleno já estaria implementado e

que a natureza do nulo de terceira pessoa é a mesma das outras pessoas. Isto é, o PB já saiu de sistema pro-drop para um não-pro-drop.

b) Animacidade

Segundo algumas análises (cf. Omena, 1978; Braga, 1986 e Mollica, 1986) há uma tendência maior no uso de pronomes pessoais na referência a seres animados, mais especificamente, humanos. Seguindo essa hipótese, espera-se que o traço –animado do referente de terceira pessoa contribua para uma maior ocorrência de sujeito pronominal nulo. Por isso, decidi observar o comportamento do sujeito pronominal nulo vs pleno de terceira pessoa em relação ao traço semântico de seu referente. Observei essa realização considerando os seguintes traços do referente:

- + humano / + animado

(19) a. RA: **O meu filho₁** vai nadar comigo, porque **ele₁** é muito pequeno. (2;4)

b. “Eu falei com a **minha tia₁**, **ela₁** também não acreditou.”

(4ª série)

- - humano / + animado

(20) a. RA: Eu estou com vontade de matar essa **barata**₁, **ela**₁ foi embora. (3;3)

b. “Eu gosto de **tartaruga**₁, porque **ela**₁ é mansa.” (3ª série).

- -humano / -animado

(21) a. RA: Não balança bem forte porque **ela** cai (boneca). (3;4)

b. “**Esta água**₁ serve para tomar banho, lavar roupa, **ela**₁ serve pra tudo, menos para beber.” (4ª série)

c) A Forma Verbal

Segundo Duarte (1995), há tempos verbais que resistem mais ao desgaste pelo qual vai passando o paradigma flexional (pretéritos perfeito e imperfeito), por isso favorecendo mais o sujeito nulo. O objetivo aqui é verificar em que tempo verbal está ocorrendo um maior o uso de sujeito nulo, e ao mesmo tempo, em que tempo o uso do sujeito pronominal pleno está mais avançado. Estão sendo analisados os seguintes tempos verbais: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro (incluem-se aqui os casos de futuro composto formados pelo verbo ir + mais o infinitivo do verbo: “vou brincar com o telefoninho” – RA, 2;3) e a forma infinitivo pessoal (22):

(22) a. RA: **Eu**₁ vou subir aqui pra **mim**₁ pular. (3;0)

b. "**Cv**₁ Gostamos tanto do passeio no parque que **cv**₁ já marcamos para **cv**₁ voltar em nossas férias no final do ano." (3ª série)

d) Tipos de Oração

Esse grupo de fator é importante para verificar que tipos de orações ainda constituem contextos favoráveis para o sujeito nulo. O que as análises têm mostrado é que o sujeito nulo ainda é freqüente em orações encaixadas no PB, mas não tanto quanto em línguas pro-drop, onde os sujeitos co-referentes têm obrigatoriamente o segundo ou ambos os sujeitos nulos (cf. Calabrese, 1986).

As orações analisadas foram assim codificadas:

- Independentes: aquelas que não estabeleciam qualquer relação de dependência com outras orações nas produções escritas, formando um período com uma única oração (23 a e b). Foram incluídas neste grupo também as orações coordenadas não-iniciais cujo sujeito não referia ao sujeito da oração anterior como em (23 c e d):

(23) a. RA: Eu cuspi água. (2;0)

b. "Cebolinha, **cv** vou brincar com você." (3ª série)

c. RA: **Cv₁** sai *que* **eu₂** vou gava. (2;7)

d. "**CV₁** tive aula de matemática com a **tia Renata₂**, **ela₂** deu muitas contas de dividir." (3ª série)

- Coordenadas: compreendem aquelas orações que são ordenadas num período, indicando uma seqüência de ações em torno do mesmo sujeito como em (24 a, b), sendo assim subclassificadas: 1^{as} coordenadas (aquelas que encabeçam uma seqüência de orações coordenadas), 2^{as} , 3^{as} e 4^{as} (as que sucedem a primeira respectivamente):

(24) a. RA: **Eu₁** não vou telefonar pros gêmeos, **eu₁** vou telefonar pro pato. (2;3)

b. "**O meu animal de estimação₁** é um cachorrinho **ele₁** tem 4 anos de idade **ele₁** é raça fila mesturada com capa preta **ele₁** é bonito." (3ª série)

- Núcleos: aquelas orações com as quais as orações subordinadas adverbiais estabelecem uma relação de dependência (25 a e b):

(25) a. RA: **Eu₁** vou sentar aqui para **cv₁** descansar. (2;0)

b. "**Eu₁** estava subindo as escadas de minha casa, quando **cv₁** escutei um barulho." (7ª série)

- Hipotáticas: são as orações chamadas tradicionalmente de subordinadas adverbiais. Essas orações foram subdivididas em hipotáticas antepostas (aquelas que antecedem a núcleo: 26 a, b) e hipotáticas pospostas (aquelas que seguem a núcleo: 26 c, d) respectivamente:

(26) a. RA: *Pra cv₁ ir no rio eu₁ vou pegar esse.* (3;2)

b. *"Quando cv₁ perdemos alguma coisa cv₁ ficamos decepcionados."* (7ª série)

c. RA: *Enquanto isso eu seguro ela₁ pra ela₁ não tirar o outro nene dela.* (3;0)

d. *"A gente₁ ficou de boca aberta quando cv₁ vimos os animais morrendo."* (4ª série)

- Matrizes: são aquelas orações com as quais as orações tradicionalmente chamadas de orações subordinadas substantivas (27 a) e adjetivas (27 b), denominadas neste trabalho de completivas e relativas respectivamente, mantêm uma relação de dependência:

(27) a. RA: *Eu₁ acho que eu₁ vou pegar os porquinhos.* (2;8)

a'. *"Certo dia ele₁ disse que cv₁ ia mandar uma aliança."* (8ª série)

b. RA: **Ele** está fazendo o meu caminhão que eu estou fazendo. (2;8)

b'. "Por mim, **você**₁ pode chegar no primeiro penhasco que **cv**₁ encontrar e **cv**₁ saltar de lá." (7ª série)

- Completivas: compõem este grupo as orações subordinadas substantivas objetivas, completivas nominais e também as subjetivas:

(28) a. RA: Essa eu não sei *onde a gente comprou*. (3;0)

b. "... Mas a minha mãe não ouviu o que **eu** disse. Então **cv**₁ lembrei *que cv*₁ *era um anjo*." (4ª série)

c. "Porque eu tenho certeza *que você não estava pensando em mim*, quando eu te peguei com aquela loira oxigenada." (7ª série)

d. "... é claro *que eu amo meus filhos lindos*." (4ª série)

- Relativas: são aquelas consideradas tradicionalmente adjuntos nominais, pois exercem a função de modificadores de nomes:

(29) a. RA: Ela desmanchou meu brinquedinho *que eu fiz em cima do negócio*. (2;8)

b. "A mãe de **Carolina**₁ não deixa ela fazer amizade porque as amigas *que ela*₁ *faz são pobres*." (4ª série)

g) Fatores Sociais

- Escolaridade / Faixa etária

Segundo Kato (1999b) a escrita procura manter as perdas diacrônicas para marcar a modalidade e um estilo mais formal e o aprendiz vai adequando sua gramática-l às normas convencionais da escrita.

Esse é um fator será de fundamental importância para identificar qual é o percurso feito pelo falante durante o processo de aprendizagem no que se refere ao uso do sujeito pronominal.

Os dados coletados foram submetidos aos programas do pacote VARBRUL, que atribuem valores percentuais e pesos relativos a cada fator dentro de seu grupo, selecionando cada grupo de fator por ordem de significância para a variável estudada, rejeitando aqueles que não apresentaram significância.

2- O Sujeito Pronominal Pleno Vs Nulo Na Aquisição E Na Escrita:

Resultados Quantitativos

2.1- Introdução

Este capítulo apresenta uma comparação entre os resultados quantitativos do uso de sujeitos pronominais nulos vs plenos nos dados de aquisição e nos dados de escrita. Na seção 2.2, eu apresento as hipóteses de Lightfoot (1991;1999) para a mudança lingüística. A seção 2.3 apresentará os resultados referentes à pessoa gramatical; a seção 2.4 apresentará os resultados encontrados para as formas verbais e os tipos de orações. Na seção 2.5 serão apresentados os resultados referentes ao traço semântico do referente de terceira pessoa. Os resultados de aquisição serão também comparados quantitativamente aos dados de Duarte (1995) para verificar se a criança apresenta avanços em relação aos dados dos falantes de Duarte. Na seção 2.6, apresentarei as conclusões a que levaram os resultados.

2.2- Aquisição e Mudança Lingüística

A Gramática na concepção chomskyana representa o conhecimento que o falante traz sobre sua língua nativa. Essa gramática (GI) está representada no cérebro e tem seu desenvolvimento determinado pela GU e pela experiência. Ou seja, o falante está equipado geneticamente para

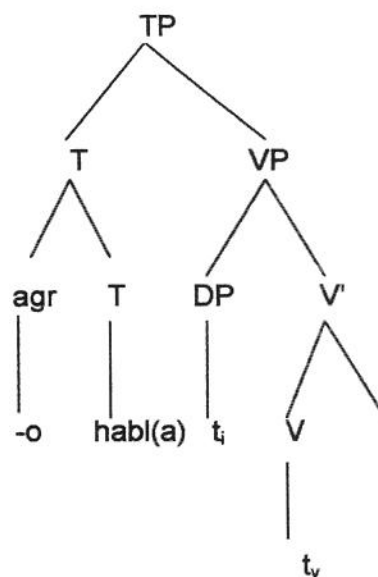
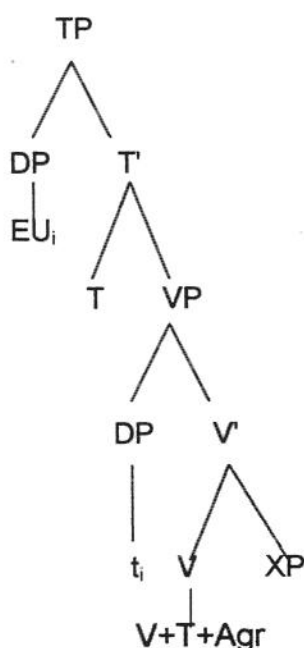
desenvolver uma língua, mas são os dados lingüísticos primários (DLPs) que vão determinar que tipo de gramática ele vai adquirir: se do PE, PB, Inglês etc. Portanto, experiências lingüísticas diferentes darão origem a diferentes gramáticas em diferentes indivíduos, resultando no que chamamos de variação lingüística: cada língua com suas particularidades.

Quando os DLPs a que o falante é exposto apresentam formas diferentes daquelas a que geração anterior a ele foi exposta, essas inovações podem ter reflexo para o seu desenvolvimento gramatical e dar início a implementação de uma nova gramática.

Para Lightfoot (1991; 1999), se pensarmos em termos de aquisição da linguagem, a difusão rápida de um novo parâmetro não é surpreendente; e uma explicação ao nível individual acaba levando a uma explicação ao nível do grupo: Uma pessoa é exposta a DLPs que diferem dos DLPs de seus parentes, devido a movimento populacional, línguas em contato, inovações dos adultos ou porque os DLPs se tornaram truncados de alguma maneira, excluindo certas expressões de uma geração anterior. O falante deve, então, marcar o parâmetro diferentemente da pessoa mais velha de sua comunidade. Logo, por causa da mudança gramatical, ele produzirá sentenças diferentes das outras de sua comunidade. Essas novas expressões afetam o ambiente lingüístico, tornando esse falante um agente da nova mudança, em virtude do fato de que aquele seu irmão mais jovem terá uma produção diferente como resultado daquela gerada com uma nova gramática e fará a sua escolha paramétrica com base nesse DLP que será

diferente para próxima geração. Está criada, então, uma reação em cadeia, que tem a criança como seu principal agente. A mudança acontece, então, porque a criança começa a avançar no uso de formas que diferem daquelas usadas pela geração anterior mudando o input de modo crítico. Ou seja, o trigger vai mudando gradualmente por um bom período de tempo, mas a gramática só muda quando acontece uma mudança catastrófica.¹

Assumindo a proposta de Lightfoot (1991;1999) para mudança linguística e considerando os resultados dos dados da criança que estou analisando, o PB está perdendo a sua propriedade de língua pro-drop porque a criança começou a projetar a posição de sujeito em vez de obter checagem de traços gramaticais via morfologia (cf. Kato,1999a) implementando uma nova gramática para a língua:



(Representações de Kato, 1999a: 19-20)

¹ "catastrophes" are the bumpy discrepancies that we find from time to time between the input that a child is exposed and the output that the child's mature grammar generates" (Apud. Lightfoot, 1999:89)

2.3- A Pessoa Gramatical

Comecemos por observar os resultados apresentados pelos dados de aquisição e das séries iniciais e finais com relação ao uso de sujeito pronominal de 1ª pessoa mostrados na tabela 2.1:

Tabela 2.1- Ocorrência sujeito pronominal
pleno de 1ª pessoa

PESSOA	(1)-DADOS DE AQUISIÇÃO	(2)-DADOS DE ESCRITA			
	IDADE: 1;11 A 3;4 MESES	SÉRIES INICIAIS		SÉRIES FINAIS	
	N / T (%) P.R	N / T (%) P.R		N / T (%) P.R	
1ª sing.	469 / 623 75 .45	3ª- 90 / 124 73 .54	7ª- 42 / 122 34 .41	4ª- 146 / 204 72 .51	8ª- 19 / 42 45 .38
1ª plur.	2 / 2 - -	3ª- 16 / 66 24 .08	7ª- 4 / 15 27 .18	4ª- 36 / 72 50 .31	8ª- 0 / 3 0 -
Total	471 / 626 75	288 / 466 62		65 / 182 35	

A primeira pessoa do plural só teve duas ocorrências como pronome **nós** em toda amostra dos dados de aquisição e, como pronome pleno (1):

(1) a. RA: Nunca **nós** vemos isso daqui. (2;6)

b. RA: Nunca **nós** vamos daqui. (2;6)

Nos demais casos (15) RA usou a expressão **a gente**:

(2) a. RA: Essa eu não sei onde **a gente** comprou. (3;0)

b. RA: **A gente**₁ já conversou por que **a gente**₁ vai lá. (3;0)

c. RA: e agora pra **gente** ir lá? (3;0)

d. RA: Não vai dar pra **gente** matar. (3;3)

O mesmo não se verifica nos dados da escrita que apresentaram uma maior ocorrência de uso do pronome **nós**. Dos 156 casos ocorridos em toda a amostra 64% tiveram o sujeito apagado (3 a, b, c). Foram verificados 21 ocorrências de uso da expressão **a gente** (20 nas 3ª e 4ª séries, das quais duas ocorreram como nulos co-referenciais (3d)). Houve só uma ocorrência na 7ª (3e) série e nenhuma na 8ª:

(3) a. "No final da tarde, **cv** resolvemos ir embora. " (3ª. série)

b. "**Cv**₁ assistimos um teatro e depois **cv**₁ dançamos." (4ª série)

c. "Onde **cv** devemos nos encontrar?" (7ª série)

d. "...se **a gente**₁ tiver micose. Porque se **cv**₁ tiver **cv**₁ não entra." (4ª série)

e. " Sofrer é a pior coisa que **a gente** se encontra neste mundo de meu Deus." (7ª série)

Esses resultados já revelam um contraste entre a escrita e os dados de aquisição. Enquanto esta privilegia o uso da forma **a gente** aquela opta pelo uso do pronome **nós**, preferencialmente como nulo. Isso fica mais evidente ao compararmos os resultados do uso do pronome **nós** nos dados de aquisição e nos dados da 8ª série: 100% de presença para a aquisição (2 casos) contra 100% de ausência para a 8ª série (3 casos, cf.: 4 a, b, c).

(4) a. "Tempos atrás a discriminação era menor, **cv** podemos dizer que ela existe, mas não aos olhos da população." (8ª série)

b. "Quando nos **cv** olhamos, gamei." (idem)

c. "**CV** fomos a um show e não largou de mim." (idem)

Os resultados quantitativos apresentados pela primeira pessoa do singular permitem fazer previsões interessantes sobre o uso de pronomes nulos vs plenos na aprendizagem da escrita. Observando a tabela 2.1, podemos verificar que os resultados de aquisição e das séries iniciais estão equilibrados. É a partir da 7ª série que ocorre uma queda no uso de sujeitos pronominais plenos. Isso permite afirmar que as séries iniciais ainda estão sob o efeito da aquisição, isto é, não foram afetadas pela escola. São as séries finais que começam a apresentar as modificações implantadas pela escolarização.

Na segunda pessoa, as diferenças entre a fala e a escrita no total geral foram também verificadas nas séries finais com uma queda de 15% de uso de sujeitos plenos:

Tabela 2.2- Ocorrência de sujeito pronominal
pleno de 2ª pessoa

PESSOA	(1)-DADOS DE AQUISIÇÃO	(2)-DADOS DE ESCRITA			
	Idade: 1;11 a 3;4 meses	Séries Iniciais		Séries Finais	
	N / T (%) P.R	N / T (%) P.R		N / T (%) P.R	
2ª sing.	116 / 136 85 .58	3ª- 17 / 23 74 .45	7ª- 12 / 22 55 .70		
		4ª- 10 / 10 100 -	8ª- 10 / 10 100 -		
2ª plur.	1 / 1 - -	3ª- 4 / 5 80 .52	7ª- 0 / 0 - -		
		4ª- 4 / 5 80 .47	8ª- 0 / 0 - -		
Total	117 / 137 85	35 / 43 80	22 / 32 70		

A diferença significativa dos dados de aquisição para a escrita ficou por conta da presença de pronomes fracos (16%) na aquisição contra a total ausência desse tipo de dado na escrita (5):

(5) a. RA: **Cê** vai nana. (2;0)

b. RA: Cê abriu a janela, cê não tinha corage e daí cê abriu e cê viu ela, né? (3;2)

Ressalte-se que a ocorrência de pronomes fracos de segunda pessoa indireta foi a maior de toda a amostra. Isso parece reforçar a hipótese de que a mudança no sistema pronominal do PB começa pela segunda pessoa, fato que já tinha sido observado por Duarte, 1993. Mas essa evolução no uso de pronomes fracos na fala não conseguiu ainda atingir a modalidade escrita.

Com relação à terceira pessoa só houve redução no uso de pronomes plenos na terceira pessoa plural (cf. tabela 2.3) e mais uma vez nas séries finais. Entretanto, vale ressaltar que nos dados de aquisição foi observado um aumento de 5% no preenchimento do sujeito em relação ao grupo 3 de Duarte (1995) tanto para terceira pessoa do singular como do plural:

Tabela 2.3- Ocorrência de sujeito pronominal
pleno de 3ª pessoa

PESSOA	(1)-DADOS DE AQUISIÇÃO	(2)-DADOS DE ESCRITA			
	Idade: 1;11 a 3;4 meses	Séries Iniciais		Séries Finais	
	N / T (%) P.R	N / T (%) P.R		N / T (%) P.R	
3ª sing.	174 / 242 72 .59	3ª- 204 / 245 83 .65 4ª- 104 / 145 72 .53		7ª- 28 / 39 72 .82 8ª- 84 / 128 66 .59	
3ª plur.	11 / 13 85 .59	3ª- 23 / 32 72 .48 4ª- 42 / 53 79 .64		7ª- 1 / 4 25 .06 8ª- 21 / 50 42 .36	
Total	185 / 255 73	373 / 475 78		134 / 221 60	

Comparando os resultados da terceira pessoa com os encontrados para a outras pessoas com relação ao uso de sujeitos pronominais nulos vs plenos não foi verificada uma diferença significativa que possa colocar a terceira pessoa em destaque na produção de nulos como constatado por Duarte (1995), mesmo na escrita. Ao que tudo indica a terceira pessoa está começando a se comportar exatamente como as outras pessoas. Ou seja, contar com um referente externo para reforçar os traços enfraquecidos de agr parece não ser mais suficiente para licenciar o sujeito nulo de terceira pessoa (6):

- (6) a. RA: **O passarinho₁** subiu na bola e **ele₁** vai cair daí. (2;3)
- b. Ra: **Ele₁** vai alova, **ele₁** vai fazer xixi, **ele₁** tem pipi. (2;0)
- c. “**Minha mãe₁** disse que **ela₁** não viu nada.” (4^a série)
- d. “Então **cv** façam como essas **crianças₁** que conseguiram o que **elas₁** quiseram.” (4^a série)
- e. “Em um certo dia, **cv₂** marquei um encontro com **um garoto₁** que eu₂ amo muito e acho que **ele₁** também me ama.” (8^a série)

Podemos, então, adotar com Galves (1987, 1988) e Kato (1999a) a hipótese de que é o próprio pronome que passa a desempenhar a função de concordância tendendo sempre a aparecer mesmo quando um SN lexical antecedente está presente.

Comparando os resultados dos dados de escrita e de aquisição mostrados até aqui com os resultados encontrados por Duarte (1995), descobri que os dados de escrita se aproximam dos resultados do grupo 1² sendo que com relação à primeira pessoa do plural a escrita apresenta um índice superior de 30% nulos. Os resultados encontrados para a aquisição se agrupam àqueles encontrados para o grupo 3. Ou seja, os resultados de escrita se assemelham ao do grupo em que o paradigma flexional era suficientemente rico para permitir o apagamento do sujeito. Já o dados de aquisição se

² Relembrando aqui que grupo 1 de Duarte (1995) é o grupo mais velho, em que são encontrados os maiores índices de sujeitos nulos da amostra. Por exemplo, a 3^a. pessoa do singular apresenta 50% de sujeitos nulos. O grupo 3 é o mais jovem, em que, segundo Duarte, a mudança já está se implementando. Nesse grupo, o uso de nulos de 3^a. pessoa do singular cai para 33% (cf. seção 1.2.1)

assemelham justamente àquele grupo em que a mudança já tinha ocorrido e, portanto, já não fazia mais a identificação do sujeito via morfologia verbal.

2.4- A Forma Verbal e os Tipos de Orações

O tempo que mais resiste ao uso de pronome pleno tanto nos dados de escrita quanto nos dados de fala é o pretérito perfeito, apresentando um total de nulos na escrita de 37% e na fala de 28%. Mesmo assim, quando se compara os dados de aquisição aos de Duarte (1995), a criança já mostra um avanço no uso de pleno com um percentual de 11% a mais para o pretérito perfeito (com 72% de preenchimento), 22% para o presente (76%) e 32% para o pretérito imperfeito (95%)³.

É o infinitivo pessoal que ainda apresenta um alto índice de pronomes nulos: (53%) para a aquisição e (63%) para a escrita.

Verifiquemos agora a ocorrência de pronomes plenos vs nulos quanto ao tipo de oração que parece revelar algumas novidades para o PB:

Tabela 2.4- Ocorrência de sujeito pronominal pleno segundo o
tipo de oração

ORAÇÕES NÃO ENCAIXADAS	(1) DADOS DE AQUISIÇÃO	(2) DADOS DE ESCRITA			
		Séries Iniciais	Séries Finais		
	Idade: 1;11 a 3;4 meses				
	N / T (%) P.R	N / T (%) P.R	N / T (%) P.R		
1 ^{as} . Coordenadas	34 / 36 94 .81	3 ^a - 56 / 68 82 .65	7 ^a - 18 / 25 72 .79		
		4 ^a - 67 / 85 79 .59	8 ^a - 18 / 30 60 .50		
2 ^{as} coordenadas	41 / 42 98 .90	3 ^a - 35 / 59 59 .31	7 ^a - 3 / 24 13 .11		
		4 ^a - 34 / 58 59 .35	8 ^a - 10 / 31 32 .26		
3 ^a coordenadas	- / - - -	3 ^a - 66 / 78 85 .64	7 ^a - 6 / 10 60 .71		
		4 ^a - 30 / 43 70 .47	8 ^a - 9 / 15 60 .42		
Independentes	582 / 791 74 .44	3 ^a - 80 / 98 82 .59	7 ^a - 16 / 22 73 .77		
		4 ^a - 57 / 64 89 .73	8 ^a - 28 / 31 90 .87		
Núcleos	66 / 90 73 .32	3 ^a - 55 / 89 62 .22	7 ^a - 17 / 54 31 .35		
		4 ^a - 79 / 107 74 .53	8 ^a - 32 / 52 62 .51		
Total	723 / 959 75	559 / 749 75	157 / 294 54		

Os resultados mostrados na tabela (2.4) revelam que há uma redução considerável no uso de sujeitos pronominais plenos na escrita.

³ Os resultados de plenos nos dados de Duarte (1995) são: 61% para o pretérito perfeito, 54% para o presente e 63% para o pretérito imperfeito.

É importante ressaltar que o uso de sujeitos pronominais plenos verificados nas segundas coordenadas⁸ mesmo na escrita, onde se observa uma redução, é surpreendente porque mesmo em línguas não-pro-drop o apagamento do sujeito é permitido nessas estruturas quando os sujeitos são co-referentes (caso do Francês, Galves, em comunicação pessoal). Isso demonstra, como já afirmara Duarte (1995) ao encontrar 68% de pronomes plenos nesses contextos, que o PB está perdendo ou já perdeu a permeabilidade à anaforicidade, tornando mais que opcional um procedimento obrigatório em LSNs.

Vejamos alguns exemplos de ocorrência de sujeitos pronominais plenos e nulos nos dados de aquisição e nos dados de escrita:

- (7) a. RA: **Ele**₁ vai alova, **ele**₁ vai fazer xixi, **ele**₁ tem pipi. (2;0)
- b. RA: Porque **ela**₁ é pequeninha, **ela**₁ faz xixi na cama. (2;7)
- c. RA: **A gente**₁ já conversou porque **a gente**₁ vai lá. (3;0)
- d. RA: ... porque **eu**₁ vou po metinha nele e **cv**₁ viazei muito.
(3;0)
- e. RA: **Cê**₁ abriu a janela, **cê**₁ não tinha corage. (3;3)
- f. RA: **Eu**₁ também vou pintar porque **eu**₁ sou tua amiguinha,
né? (3;4)

⁸ Nos dados de aquisição, o resultado das segundas e terceiras coordenadas são apresentados juntos na tabela, devido à pouca ocorrência de terceiras coordenadas (9 para toda a amostra).

g. “O meu animal de estimação₁ é um cachorrinho **ele**₁ tem 4 anos de idade **ele**₁ é raça fila mesturada com capa preta **ele**₁ é bonito.” (3ª série)

h. “...o mar morto fica em Israel, **nós**₁ compramos algumas peças da antiga cidade, **nós**₁ demos um pacheio por Israel depois que **nós**₁ fomos a Israel **nós**₁ ficamos muito chocados...” (4ª série)

A única ocorrência de sujeito pronominal nulo em coordenadas não-iniciais com sujeito co-referente encontrada nos dados de aquisição é o que está em (7d), todas as outras tiveram seus sujeitos preenchidos como em (7a, b, c, e, f). Nos dados de escrita também foram encontrados casos de preenchimento de sujeito em coordenadas não-iniciais (7g, h), principalmente nas séries iniciais. É na 7ª e 8ª séries que o uso de sujeito pronominal nulo passa a ser a opção “escolhida” (8a, b, c):

(8) a. “**Eu**₁ estou de castigo, porque **cv**₁ briguei com minha irmã e **cv**₁ não vou poder jogar futebol hoje.” (7ª série)

b. “... Mais a parte mais gostosa dessa história é a parte em que **eu**₁ deito na minha cama, **cv**₁ pego o meu ursinho e **cv**₁ durmo.” (8ª série)

c. “**Ele**₁ ficou muito chateado e **cv**₁ pediu um último beijo.” (8ª série)

Os resultados das segundas coordenadas na 8ª série quando comparados aos dados de aquisição revelam uma redução de 66% no uso de plenos para os dados da escrita. A redução também pode ser observada com relação aos dados das séries iniciais e das séries finais (cf. tabela 2.4).

Observando os resultados apresentados pelas orações independentes, vemos que mesmo na escrita o uso de pronome pleno é a opção preferida. Isso mostra que o avanço em relação ao uso de sujeitos pronominais plenos nesses contextos é tão grande que mesmo a escrita com toda sua tecnologia não consegue barrá-lo. Os poucos casos de pronomes nulos encontrados na aquisição se encontram em contextos como em (9):

(9) a. RA: **Cv** soltou? (1;11)

b. RA: Caiu. (1;11)

Esses contextos incluem os nulos de referência exofórica⁴. Vale ressaltar que na sua grande maioria o tempo do verbo é o pretérito perfeito.⁵

Passemos agora aos resultados apresentados pelas orações encaixadas e hipotáticas.

⁴ Segundo Simões (1999) esse uso é o resultado do discurso chamado de “discurso do aqui/agora”.

⁵ Segundo Kato (1995), essas ocorrências podem ser explicadas se considerarmos que o nóculo tempo da criança, no início da aquisição conta apenas com o Tempo do ato de Fala (Speech Act Time (ST)), sem contar ainda com o tempo de evento, e o seu tempo de referência coincide sempre com o ST, que preenche o Spec de TP. O núcleo aspectual da criança é licenciado por um T “default” (presente ou passado) que concorda com um Spec preenchido pelo ST. Como essa fase se caracteriza por ser preponderantemente não-finita, o passado ocorre na forma de terceira pessoa não-marcada.

Nos dados de aquisição, dos 43 casos de orações encaixadas com sujeitos pronominais plenos, 15 são de orações relativas e 28 de completivas (cf. tabela 2.4.1):

Tabela 2.4.1- Ocorrência de sujeito pronominal pleno em encaixadas e hipotáticas

TIPOS DE ORAÇÕES	(1) DADOS DE AQUISIÇÃO	(2) DADOS DE ESCRITA			
		Séries Iniciais		Séries Finais	
	Idade: 1;11 a 3;4 meses				
	N / T (%) P.R	N / T (%) P.R		N / T (%) P.R	
Relativas	15 / 15 100 -	3ª- 5 / 7 71 .62		7ª- 6 / 9 67 .76	
		4ª- 11 / 13 85 .61		8ª- 7 / 10 70 .60	
Completivas	28 / 29 97 .89	3ª- 28 / 30 93 .88		7ª- 9 / 18 50 .38	
		4ª- 27 / 44 61 .33		8ª- 20 / 31 65 .55	
Hipotáticas antepostas	4 / 5 80 .79	3ª- 19 / 32 59 .33		7ª- 8 / 23 35 .55	
		4ª- 25 / 37 68 .46		8ª- 6 / 12 50 .39	
Hipotáticas pospostas	18 / 26 69 .69	3ª- 10 / 29 34 .14		7ª- 5 / 16 31 .47	
		4ª- 22 / 47 47 .39		8ª- 4 / 19 21 .16	
Total	66 / 76 86	147 / 239 62		65 / 138 48	

Houve só uma ocorrência de sujeito pronominal nulo nos dados de aquisição em encaixadas e se deu numa completiva (10a):

(10) a. RA: **Cv₁** faz de conta que **cv₁** morreu. (3;2)

A alta produção de sujeitos nulos nas hipotáticas pospostas pode ser explicada pelo uso do infinitivo pessoal nessas estruturas, uma vez que essa forma verbal parece resistir ao preenchimento do sujeito:

(11) a. RA: **Eu₁** vou pegar a Suzi para **cv₁** pentear o cabelo dela.
(2;0)

b. RA: **Eu₁** vou sentar aqui para **cv₁** descansar. (2;2)

Comparando os resultados de aquisição com os da escrita, podemos perceber que a escrita apresenta um índice bem menor de sujeitos preenchidos para todas as orações.

O resultado que chama a atenção é o alto índice de preenchimento do sujeito nas orações relativas, pois isso revela que o preenchimento está deixando de ser uma estratégia a escapar de ilhas, fato que já tinha sido observado por Figueiredo Silva (1996) e mais recentemente por Modesto (1999):⁶

(12) a. RA: **Eu₁** quero por este naquele negocinho *que eu₁* fui brincar. (2,6)

b. RA: **Eu₁** não sei onde *que eu₁* vi. (2;5)

⁶ Cf. também Ferreira 2000.

c. “Quase **cv**₁ fiquei louca de tantas palavras que **eu**₁ não sabia.”(4ª série)

d. “**Essa menina**₁ não era feliz porque **ela**₁ era rica e todas meninas que **ela**₁ fazia amizade eram pobres.” (4ª. série)

De acordo com Duarte (1995) o sujeito pleno deve ter começado sua batalha contra o sujeito nulo justamente nas estruturas em que há elemento em Spec de CP, caso das relativas. Duarte acrescenta ainda que a rejeição ao sujeito nulo nesses contextos é confirmada quando encontramos estruturas onde o sujeito é nulo na matriz e pleno na encaixada como em (12c).

Em relação aos dados dos falantes de Duarte, os dados de RA só apresentam uma diferença significativa nas orações completivas com 23% a mais de preenchimento do sujeito. Passemos agora aos resultados do condicionamento semântico.

2.5- O Traço Semântico do Referente de Terceira Pessoa

Segundo Omena,1978; Braga,1986; Mollica,1986, há uma tendência maior em se utilizar pronomes pessoais na referência a seres animados, mais especificamente humanos. Quando o traço do referente é –animado, a tendência é utilizar uma **cv**. Duarte (1995) constata em seus dados que é o traço –animado do referente que mais propicia o uso de sujeito nulo.

Tabela 2.5- Ocorrência de sujeito pronominal pleno segundo o traço semântico do referente de 3ª pessoa⁷

TRAÇO DO REFERENTE DE 3ª PESSOA	1-DADOS DE AQUISIÇÃO	2-DADOS DE ESCRITA
	Idade: 1;11 a 3;4 meses	Séries: 3ª, 4ª, 7ª, 8ª.
	N / T (%)	N / T (%)
+ hum + ani.	71 / 81 88	407 / 549 74
- hum + ani	68 / 86 79	82 / 103 80
- hum - ani	46 / 88 52	18 / 43 42
Total	185 / 255 73	507 / 695 73

Os resultados mostrados na tabela 2.5 vêm comprovar o que as análises citadas já haviam confirmado. O traço –animado do referente continua sendo o contexto que mais resiste ao uso do pronome pleno, mas mesmo assim é possível encontrar pronomes plenos em tais contextos, numa clara demonstração de que aqui também o pronome nulo começa a perder seu espaço (13 a, b, c, d):

(13) a. RA: Eu vou desmanchar **ele**₁ (=brinquedo). **Ele**₁ não vai quebrar. (2;6)

⁷ Essa tabela não apresenta peso relativo porque os resultados foram obtidos através do crostab.

b. “Esta **água**₁ serve para tomar banho, lavar roupa, lavar casa, **ela**₁ serve pra tudo menos pra beber.” (4ª série)

c. “Maria você não pode enfeitar a casa com **plantas**₁. (...) Se você fica botando **elas**₁ dentro de casa **elas**₁ vão morrer porque **elas**₁ não estão recebendo luz solar.” (4ª série)

d. “Tempos atrás **a discriminação**₁ era menor, podemos dizer que **ela**₁ existe mais não aos olhos da população.” (8ª série)

Como podemos ver nos exemplos acima os casos de sujeitos pronominais plenos com referentes -animados não se restringem só à fala. Há ocorrências também nos dados de escrita mesmo nas séries finais.

2.6- Considerações Finais

Os resultados apresentados pelos dados da aquisição e da escrita com relação ao uso do sujeito pronominal nulo vs pleno revelam que há uma participação da escola no uso que se faz do nulo na escrita.

Os dados de aquisição revelam ainda que a mudança no sistema pronominal parece começar realmente pela segunda pessoa como afirmara Duarte (1995), pois foi justamente esta que apresentou o maior índice de pronomes fracos da amostra.

Com relação à terceira pessoa o que os resultados parecem mostrar é que ela está indo pelo mesmo caminho das outras pessoas com relação ao preenchimento do sujeito.

Comparando os resultados de aquisição e de escrita com os de Duarte (1995), foi possível perceber que os resultados apresentados pelos dados de aquisição se aproximam daqueles apresentados pelo grupo mais jovem, enquanto os resultados da escrita se aproximam daqueles do grupo mais velho. Ou seja, os resultados de aquisição revelam as características de um sistema não-pro-drop e a escrita de um sistema ainda pro-drop.

Com base nos resultados obtidos até aqui com os resultados de escrita e de fala, é possível dizer que a criança entra na escola com um sistema não-pro-drop, continua por um bom período utilizando este sistema na escrita e aos poucos vai adequando tal sistema às normas prescritas pela tecnologia da escrita. O esforço do ensino em reprimir as inovações apresentadas pela fala só começa a obter resultado lá pelo final do primeiro grau.

- **VALORES DE INPUT E SIGNIFICÂNCIA**

A seguir são apresentados a significância e o input atribuídos aos fatores selecionados nos dados de aquisição e de cada série:

Dados de aquisição (1;11 a 3;4 meses)	Input .81 Significância: .028
3ª série	Input .83 Significância: .020
4ª. série	Input .72 Significância: .048
7ª. série	Input .41 Significância: .007
8ª. série	Input .60 Significância: .010

3 - RESULTADOS QUALITATIVOS

3.1- Introdução

Este capítulo apresenta uma análise para os casos de duplicação de sujeito encontrados na amostra e a comparação qualitativa dos casos de sujeitos pronominais nulos com os dados de Figueiredo e Silva (1996) e Modesto (1999) que assumem a hipótese de que os *pros* permitidos ainda no PB são ligados por um antecedente numa posição A'. Serão também analisados os casos dos nulos de referência indeterminada/arbitrária. Para isso organizei o capítulo da seguinte forma: A seção 3.2 apresenta a análise para os sujeitos duplicados, a seção 3.3 apresenta a análise para os sujeitos pronominais nulos das orações encaixadas e a seção 3.4 os sujeitos nulos de referência arbitrária/indeterminada. Na seção 3.5 será apresentada a conclusão a que levam os resultados.

3.2- A Duplicação do Sujeito

Pontes (1987) estudando as “construções de tópico” no PB destacou como as mais freqüentes aquelas conhecidas como duplicação de sujeito¹:

¹ Cf. também Galves (1988) para as diferenças entre PE e PB.

(1) a. “**Daniela₁** **ela₁** disse que a mãe dela ia para uma praia ou mar.” (4^a série).

b. RA: **Eu₁** **eu₁** não conto. (2;3)

E analisou tais construções como evidências de que o PB é uma língua orientada para tópico. Segundo a autora de acordo com a tipologia de Li e Thompson (1976) os casos de duplo sujeito são os que mais caracterizam uma língua como de proeminência de tópico. Sendo importante notar que o que caracteriza o tópico nessas línguas é ele estabelecer um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir. Ou seja, o SN lança o tópico sobre o qual se faz a seguir um comentário. Esse comentário é feito através de uma sentença completa com sujeito e predicado. Conforme Galves (1987) A representação de uma sentença com duplicação de sujeito é como (2):

(2) SN₁ [SN₁ V SN]

(in: Galves,1987:43)

A predicação principal não é mais entre o sintagma nominal e o sintagma verbal, mas entre o tópico e o conjunto formado por SN V SN (cf. Galves,1987).

Na amostra aqui analisada foram encontrados casos de duplicação de sujeito na escrita das séries iniciais e na fala. Destacando-se que nos dados de escrita só foram encontrados casos de pronomes duplicados por SNs (3

a, b, c) e na fala só foram encontrados casos de pronomes duplicando pronomes (3 d, e, f):

(3) a. “**Ana Maria₁ ela₁** foi no supermercado para fazer compras.”

(3ª série)

b. “**Bruna₁ ela₁** disse que não tinha medo mais na verdade ela tem.” (4ª série)

c. “....**Cláudia₁** sabendo que o monstro do armário não fala **ela₁** pediu obrigada.”(4ª série)

d. RA: **Eu₁ eu₁** não peguei. (2;5)

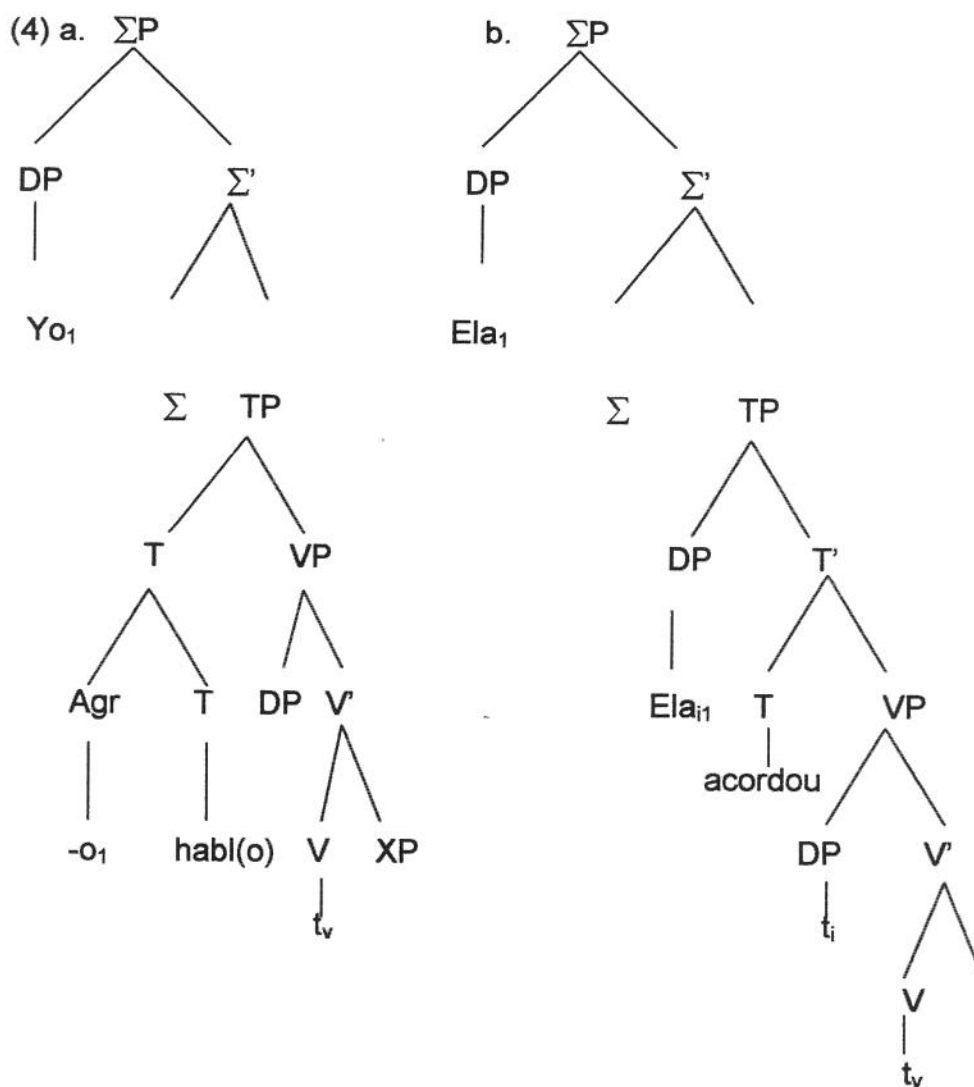
e. RA: **Você₁ você₁** tira tudo. (2;1)

f. RA: **Ela₁, ela₁** acordou. (2;11)

Segundo Kato (1999a), essas construções são resultado do enfraquecimento da concordância sofrido pelo PB, que fez com que a língua criasse um paradigma de pronomes fracos que são duplicados por pronomes fortes.

Nas línguas com agr [+pronominal] as formas fracas são os afixos pronominais de agr que são inseridos no Spec de V como seu argumento externo e adjungem-se a T para checar caso e traços-phi. A cadeia, então, formada é interpretada em LF como tendo todas as propriedades de um sujeito temático. Por isso o Spec de TP não é projetado (4a). As línguas que têm agr [-pronominal], têm o seu agr afixado a V+T e pronomes fracos ou

NPs em Spec de VP. Eles se movem para Spec de T para checar seus traços-phi e caso (4b). Quando ocorre a duplicação, os nominais fortes, que duplicam os pronomes fracos, ficam numa posição superior, fora do domínio de T ou Agr assumida por Kato (1999a) para ser ΣP (cf. 4b).



(adaptados de Kato, 1999a:20-21)

Em (4a) a duplicação também acontece, mas é o afixo de agr², incorporado ao verbo, que é duplicado. Como o Espanhol tem um agr [+ pronominal] não é necessário projetar Spec de TP, pois agr é interpretado como sujeito em LF. A duplicação ocorre, mas de forma coberta. A idéia é que o pronome fraco passa a ocupar a posição do sujeito nulo em línguas com a concordância fraca³, projetando o Spec de TP.

A autora afirma que a mudança de agr [+ pronominal] para [- pronominal] no PB pode ser explicada através da gramaticalização do pronome forte **você** em um quase clítico **cê**. A redução fonética desse pronome forte criou uma forma fraca que tomou papel de argumento de seu agr, que somente pode aparecer como um afixo para o verbo⁴. Ou seja, obrigatoriamente, um Spec de TP tem que ser projetado para abrigar esse pronome fraco.

Os dados de aquisição aqui analisados colaboram para a hipótese acima, uma vez que foi na segunda pessoa indireta que foi encontrado o maior percentual (16%) de pronomes fracos reduzidos fonologicamente (5 a, b, c, d):

- (5) a. RA: **Cê**₁ abriu a janela, **cê**₁ não tinha corage e daí **cê**₁ abriu e **cê**₁ viu ela, né?.(3;2)
- b. RA: **Cê** vai nana. (2;0)

² Para Kato (1999a) os pronomes fracos podem ser de três tipos: (i) pronomes livres; (ii) clíticos ou (iii) afixos pronominais de agr.

³ Kato(1999a) assume que universalmente a coocorrência de sujeitos nulos e de um paradigma de pronomes lexicais fracos é impossível na posição de sujeito.

⁴ Exceto para terceira pessoa que de acordo com Kato ainda é [+pronominal]

c. RA: **Cê** vai dava eu? (2;2)

d. RA: **Cê** viu quanto? (2;8)

Mesmo a terceira pessoa que ainda é considerada como tendo um agr [+pronominal] apresentou casos de duplicação nos dados de aquisição (6):

(6) a. RA: **Ele₁, ele₁** está no chão. (2;0)

b. RA: **Ela₁, ela₁** é bonitinha com o sapatinho. (2;1)

c. RA: **Ele₁, ele₁** vai ouvir história. (2;7)

d. RA: **Ela₁, ela₁** vai pra perto da gente. (3;2)

Como já mencionei na seção 2.3, ao que tudo indica estamos diante de uma mudança que começa a afetar até mesmo a terceira pessoa de referência definida, que começa a se comportar como a flexão (cf. Galves, 1987, 1988⁵ e Kato, 1999a). Os nulos ainda existentes no PB estão restritos a poucos contextos e um deles é o de indeterminação como veremos a seguir.

Os dados analisados acima, leva-nos a seguinte conclusão: a mudança no paradigma flexional tornou o agr do PB [-pronominal], não sendo mais possível licenciar o sujeito nulo via morfologia verbal. A criança começou, então, a projetar o Spec de TP. Isso fez com que surgisse um paradigma de

⁵ Para Galves (1988) O que diferencia o PE do PB no que diz respeito ao uso de sujeito de 3ª pessoa nesses contextos é que no primeiro o pronome é gerado na própria posição de sujeito, como qualquer outro SN lexical, é o elemento destacado na frase, está na posição

pronomes fracos visíveis em PF, que passaram a ser duplicados pelos nominais fortes, dando origem às duplicações de sujeito tão freqüentes no PB. O sujeito nulo referencial em orações matrizes desapareceu e os únicos casos de nulos de referência definida possíveis na posição de sujeito em PB são aqueles que podem contar com um antecedente numa posição mais alta na sentença para identificá-los. Além desses nulos que precisam de uma identificação, podemos ter aqueles de referência arbitrária / indeterminada. Esses casos serão analisados a seguir.

3.3- Sujeitos Nulos das Encaixadas no PB

Apesar da constatação de que o PB está em um período de transição de um sistema pro-drop para um não-pro-drop (cf. Duarte, 1995), há contextos (7) em que essa língua ainda faz uso do sujeito nulo e muitas análises têm sido propostas para tal uso (Galves, 1987; Negrão & Müller, 1996; Figueiredo e Silva, 1996; Modesto, 1999; Kato, 1999a).

(7) a. **Maria**₁ disse que **cv**₁/ **ela**₁ comprou flores.

A sentença encaixada em (7) permite tanto uma cv na posição de sujeito quanto um pronome lexical. O interessante é que nos dois casos o referente do sujeito só pode estar na oração imediatamente mais alta. O PB

de tópico. Em PB, é gerado debaixo do nó flex, desempenhando uma função puramente

diferentemente do PE não permite buscar o referente no discurso. Ou seja, no PB só é possível interpretar a *cv* ou o pronome lexical como co-referindo ao NP que está na sentença matriz.

Galves (1987) afirma que, no caso do sujeito nulo, o enfraquecimento da concordância não levou ao abandono total dessa propriedade, mas a uma reorganização da sentença em torno do tópico que pode ser o antecedente direto de objetos nulos e sujeitos nulos.

Figueiredo Silva (1996), analisa a categoria vazia sujeito *pro* como uma categoria vinculada por uma posição A-barras, estabelecendo uma relação com o sistema CP, porque ela depende de um operador para ser legítima e isso vale tanto para os sujeitos da matriz como para os da encaixada em orações finitas ou infinitas. Esse operador deve completar a identificação da categoria vazia, fornecendo-lhe os traços de pessoa que não estão presentes na morfologia verbal.

Modesto (1999), compartilha dessa idéia e afirma que no PB *pro* sujeito não pode receber os traços gramaticais de pessoa e número numa relação Spec-head com *agr*, como acontece no PE, porque esse não é mais rico. A estratégia da língua, então, para salvar a derivação, é fazer com que *pro* receba tais traços gramaticais de um identificador (assumido para estar numa posição A') para não ficar ininterpretável em LF.

Para Kato (1999a) a terceira pessoa nula que aparece em contextos de encaixamento tem um **PRO** em ΣP que é c-comandado por um NP que está

referencial. O PE sempre escolherá **pro**. Já o PB escolherá o pronome lexical.

na matriz. Quando não há um NP c-comando, a terceira pessoa nula será interpretada como genérica/indeterminada.

Como podemos ver a análises citadas acima de uma forma ou de outra são unânimes em afirmar que há uma relação do PB com uma posição à esquerda da sentença. E afirmam que foi o enfraquecimento de agr o responsável por isso. Ou seja, redução no paradigma flexional fez com que língua criasse estratégias para compensar tal enfraquecimento o que resultou numa reestruturação sentencial em torno da periferia esquerda.

3.3.1- Os Dados

Na amostra da escrita aqui analisada foram encontrados casos de nulos que têm um antecedente como identificador se enquadrando, portanto, nos casos analisados por Figueiredo e Silva (1996) e por Modesto (1999)⁶. Um deles é o que está representado em (8):

(8) a. “(Bruna), **ela**₁ disse que não **cv**₁ tinha medo...” (4ª série)

Observemos que nessa sentença, temos um caso de uma **cv** numa oração encaixada que tem como referente um pronome na matriz que é duplicado por um SN. A duplicação parece indicar que o SN pode ter sido gerado na

⁶ Gostaria de chamar atenção para o fato de que não estou ignorando as outras análises, mas compararei meus dados diretamente aos de Figueiredo Silva (1996) e Modesto (1999) para obedecer a proposta inicial do trabalho.

base como tópico e não necessariamente movido até lá. O que não é óbvio é que o antecedente da **Cv** tenha sempre que está numa posição de tópico para que possa identificá-la. Vejamos os exemplos abaixo:

- (9) a. "**Beto**₁ disse que **cv**₁ estava muito afim dela." (8ª série)
- b. "**A mãe**₁ falou para ela que **cv**₁ não queria ver mais isso." (8ª série)
- c) "Certo dia **ele**₁ disse que **cv**₁ ia mandar uma aliança." (8ª série)

O que está claro é que há a necessidade de um antecedente numa posição mais alta na oração para identificar o sujeito da encaixada, mesmo quando esse sujeito é um pronome lexical (cf. exemplo 7). Parece que o PB pode fazer uso tanto do tópico como antecedente⁷, como utilizar o sujeito da matriz e, como afirma Kato (1999a), quando o sujeito nulo não tiver um antecedente para identificá-lo, ele receberá a interpretação indeterminada, como veremos a seguir.

3.4- Os Sujeitos Nulos de Referência Arbitrária ou Indeterminada

⁷CF. análise de Modesto 1999 para o fato de objetos não poderem ser antecedentes de sujeitos nulos de encaixadas, a não ser quando são movidos para uma posição de tópico.

No início da aquisição a criança apresenta nulos que se caracterizam como indeterminados ou arbitrários, pois a criança usa a terceira para todas os referentes do discurso:

(10) a. Mãe: Você sabe por que a gente usa sombrinha?

RA: Sabe. (1;11)

b. RA: Pode pegar essa aqui? (1;11)

c. Mãe: Não vai enxugar?

RA: Enxugou. (2;0)

d. Mãe: Quantos bonequinhos você quer?

RA: Num quer bonequinho. (2;1)

Kato (1999a) afirma que a criança no início da aquisição usa uma gramática “default” com uma única pessoa duplicada por PRO:

(11) **PRO_i [TP $\emptyset_{i[3^a + pron.]}$ [Cai]]]**

Em PB esse tipo de sujeito não ocorre só na fase de aquisição. É muito comum ouvirmos por aí o falante usando a terceira pessoa arbitrária para perguntas e respostas:

(12) a. - Você fez aquilo pra mim?

b. - Fez.

c. Pode entrar e ir até a sala.

Para Kato (1999a) a terceira pessoa nula pode ser interpretada como [+humano], além de exibir contraste de número. Ela pode aparecer na numeração como um item lexical independente. Essas propriedades se devem ao fato de ela ser duplicada por PRO que pode ser colocado na mesma posição dos pronomes fortes. Ele é ligado em ΣP , por que é deficiente em traços-phi, por isso necessitando de controle externo. Ele liga uma terceira pessoa $\emptyset$, tem seus traços-phi subespecificados.

De acordo com Galves (1987,1988) O PB passou a usar o contraste preenchimento/esvaziamento para desambigüizar a interpretação determinada/indeterminada. Quando é necessário a interpretação determinada, usa-se o pronome lexical. Quando a interpretação desejada é a de indeterminação, opta-se pelo esvaziamento do sujeito.

3.5- Considerações Finais

O que fica evidente observando a análises propostas e comparando-as com os dados aqui analisados é que o nosso sistema gramatical foi alterado a partir do momento em que a criança começou a projetar uma posição de Spec para o sujeito. Com um sistema de agr fraco e diante da necessidade de dar traços gramaticais de pessoa e número para esse sujeito a solução encontrada pela gramática foi estabelecer uma relação de co-referência do

sujeito nulo com uma posição mais alta na oração que pudesse dar tais traços, já que a checagem desses traços via morfologia verbal não é mais possível.

Mesmo na escrita essas restrições sobre os nulos da encaixada são encontradas. Como mostrei nos exemplos acima, nas redações escolares os casos de nulos nesses contextos se enquadram exatamente naqueles analisados por Figueiredo e Silva (1996) e Modesto (1999). E, como estou afirmando que os sujeitos nulos na escrita são recuperações da escola, esse é um uso que a escola não precisa recuperar porque eles ainda fazem parte da gramática natural do falante.

4- Conclusão

O objetivo deste trabalho foi observar o uso de sujeitos pronominais plenos vs nulos na escrita escolar e nos dados de uma criança na fase de aquisição, comparando-os quantitativamente com os dados de fala de Duarte (1995) e qualitativamente com os dados de Figueiredo e Silva (1996) e Modesto (1999) para verificar se as mudanças atestadas por Duarte (1995) se encontravam mais avançadas nos dados da criança e se as restrições apontadas por Figueiredo e Silva (1996) e Modesto (1999) para a fala seriam verificadas durante a escolarização e, a partir daí, determinar qual é o papel da escola no uso de sujeitos pronominais nulos que se encontram na escrita.

Através dos resultados das pessoas gramaticais foi possível perceber que a criança já optou pelo preenchimento do sujeito e, ao projetar a posição de Spec para o sujeito, acionou uma série de inovações para a língua. Uma delas foi a formação de um paradigma de pronomes fracos que aparecem duplicados pelos fortes e trazem para a língua as estruturas conhecidas como *duplicação de sujeito*.

A segunda pessoa teve nos dados de aquisição a maior porcentagem de ocorrência de pronomes fracos o que pode reforçar a hipótese de que as mudanças que ocorreram no PB começaram realmente pela segunda pessoa. Ao que parece o surgimento dos pronomes fracos começou por essa pessoa e é nela que se encontra mais avançado. Será isso o indício de uma nova mudança a ser operada no PB?

Talvez a terceira pessoa esteja nos mostrando evidências para uma possível resposta para a pergunta acima. Os seus resultados revelaram que a criança também já começou a projetar Spec para o seu sujeito, exceto nos casos dos chamados arbitrários/indeterminados. O preenchimento da terceira pessoa definida, ao lado do esvaziamento do sujeito de referência indeterminada parece indicar que estamos na direção de um uso para o nulo que leve à desambigüização entre a interpretação determinada e indeterminada do sujeito. Como apontou Galves (1986; 1987; 1998) o PB parece não admitir ambigüização entre as duas interpretações, e a terceira pessoa está passando a usar o preenchimento para determinar e o esvaziamento para indeterminar.

As orações também revelaram novidades para o PB. As coordenadas não iniciais mostraram que nossa língua parece estar perdendo a permeabilidade à anaforicidade como Duarte (1995) já havia notado em seus dados. Aqui os dados da criança mostraram resultados quase categóricos de preenchimento nessas orações (98%). Esse resultado mostra que o PB se distancia mesmo de línguas não-pro-drop, como o Francês, que permite o apagamento do sujeito nessas estruturas.

A comparação dos dados de aquisição com os dados da escrita permitiu perceber que a criança entra na escola com um sistema não-pro-drop, continua por um bom tempo utilizando esse sistema e aos poucos vai adequando tal sistema às normas prescritas pela tecnologia da escrita, como já afirmou Kato (1999b). A escola vai tentando reverter esse uso, mas só

começa a obter algum sucesso lá pelo final do primeiro grau. Sucesso esse que não é total, haja vista que nas orações independentes os resultados mostrados aqui revelam que o avanço é tão grande nessas estruturas que a escola não consegue barrá-lo.

A comparação com os dados de Duarte (1995) revelou que os dados da criança apresentam resultados que se aproximam daqueles apresentados pelo grupo mais jovem e que os resultados da escrita se aproximam daqueles do grupo mais velho. Ou seja, os resultados da escrita revelam as características de um sistema ainda pro-drop e os de aquisição de um sistema não-pro-drop. Há, em alguns contextos, avanços como é o caso das coordenadas não-iniciais e da terceira pessoa.

Vimos, também, que os sujeitos nulos que são encontrados nas orações encaixadas precisam de um antecedente na oração mais alta para identificá-los. E que o antecedente não precisa necessariamente estar numa posição A' como afirmam Modesto (1999) e Figueiredo Silva (1996).

Assumindo com Lightfoot (1991; 1999) que as mudanças operadas numa língua só afetam a gramática quando ocorrem de forma catastrófica e que é acionada pela criança, podemos dizer que a geração mais nova de Duarte (1995) detonou a mudança ao projetar a posição para o sujeito e que as novas gerações engatilharam sua gramática com base nesse novo "input" e passaram a usar novas estruturas que decorreram da escolha dessa nova opção - o uso de pronome pleno em vez de nulo - como mostram os dados de RA.

No entanto, os mistérios que envolvem o sujeito pronominal parecem ainda estarem muito longe de serem desvendados. Muito já foi dito, mais ainda há muitíssimo a se dizer. Aos colegas ansiosos por desvendarem esses mistérios resta aceitar o convite do saudoso e admirado mestre:

"- Picaretas em punho;
vamos cavar."

(Tarallo, 1990, p.175)

Bibliografia:

- BRAGA, Maria Luíza (1992) "Os Condicionamentos Discursivos". In: **Introdução à Sociolingüística Variacionista**. Maria Cecília Mollica (org.), 3ª ed. UFRJ.
- CALABRESE, A. (1986) "Pronomina: some properties of the Italian pronominal system." In: N. Fukui, T. Rapoport & E. Sagey (eds), MIT Working Paperes in Linguistics, 8, 1-46.
- CHOMSKY (1981) **Lectures on Government and Binding: the Pisa Lectures**. Dordrecht, Foris.
- DUARTE, M.L. (1993) "Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil." In: **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)**, I Roberts & M A Kato (orgs), 107-128 Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____ (1995) A Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- FERREIRA, Marcelo Barra (2000) Argumentos Nulos em Português Brasileiro. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- FIGUEIREDO E SILVA, Maria Cristina (1996) **A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitas**. Campinas, Ed: UNICAMP.

- GALVES, Ch (1987) "A Sintaxe do Português Brasileiro." *Ensaio de Lingüística*, 13, 31-50, Belo Horizonte.
- _____ (1988) "Algumas diferenças entre Português de Portugal e Português do Brasil e a Teoria de "Regência e Vinculação". In: *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa.
- _____ (1993) "O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro." In: **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)**, I Roberts & M A Kato (orgs), 387-408. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____ (1998) "A Gramática do Português Brasileiro." In: *Línguas : Instrumentos Lingüísticos*, 1, 79-96, (janeiro/junho), Campinas: Pontes.
- HYAMS, NINA (1989) "The Null Subject Parameter in Language Acquisition." In: **The Null Subject Parameter**, Jaeggli, Oswald and K. J. Safir (eds), 215-238. Dordrecht: Kluwer.
- KATO, M. A. (1995) "Raízes Não Finitas na Criança e a Construção do Sujeito." In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29, 119-136, (julho/dezembro), Campinas.
- _____ (1999a) "Strong and Weak Pronominal in the Null Subject Parameter." *PROBUS*, 11, 1-37.
- _____ (1999b) "Aquisição e Aprendizagem da Língua Materna : de um saber inconsciente para um saber metalingüístico." In **Investigações à**

- Linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral**, Moraes, J. e Grimm-Cabral (orgs), 201-225. Florianópolis: Editora Mulher.
- LIGHTFOOT, David (1991) **How to Set Parameters: arguments from language change**. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____ (1999) **The Development of Language: acquisition, change, and evolution**. Blackwell.
- MAGALHÃES, Telma M. V. (1999) "Do Pronome Pleno ao Pronome Nulo." ms.
- MODESTO, Marcello (1999) "Null Subject Without "Rich" Agreement." ms
- MOLLICA, M. Cecília (org) (1992). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ.
- NEGRÃO, E.V. & MÜLLER, A.L. (1996) "As Mudanças no Sistema Pronominal do Português Brasileiro: substituição ou especialização de formas?" DELTA, 12(1), 125-152.
- OLIVEIRA, Marilza de (1996). Respostas Assertivas e sua Variação em nas Línguas Românicas: o seu papel na aquisição. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- OMENA, Nelize P. de (1978). Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: suas formas variantes em função acusativa. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ.
- PAREDES SILVA, Vera L. (1988) Cartas Cariocas: a variação do sujeito na escrita informal. Tese de Doutorado, UFRJ.

- PONTES, Eunice (1987) **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas: Pontes Editores.
- SIMÕES, L (1999) "Sujeito Nulo na Aquisição do Português do Brasil." In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 36, 105-130, (janeiro/junho), Campinas.
- TARALLO, Fernando (1990) **Tempos Lingüísticos**. São Paulo: Editora Ática.